Folha Literária

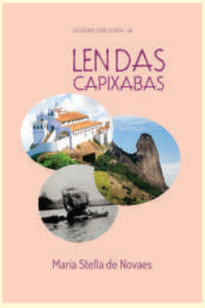
Número 1, 2023

A CASA DAS OITO MULHERES

Escritoras da Academia Espírito-santense de Letras comprovam a força e o poder da escrita

LANÇAMENTOS 2023

PREFEITURA DE VITÓRIA



• SUMÁRIO

1• EDITORIAL
Nossas almas LITERÁRIAS
2 • CRÔNICA
Eu vos escrevo DA ILHA
3 • EVENTO
União das ACADEMIAS
4 • CAPA
A casa das OITO MULHERES
5 • ENTREVISTA
O IMORTAL deve doar-se'
9 • ENTRETENIMENTO
Uma vitrine LITERÁRIA
10 • ENTREVISTA
"Nossa LITERATURA é uma das mais poderosas do mundo"
11 • RESENHA
À sombra do HOLOCAUSTO
13 • ANÁLISE
O FRADE e a FREIRA
14 • PERSONAGEM
Nos idos do SOÍDO
15 • PERSONAGEM
'Como homem foi um GÊNIO'
17 • ESCRITA
No reino das PALAVRAS, castelã
18 • ANÁLISE
Psicanálise e LITERATURA
19 • POEMAS
A poesia do CORAÇÃO
Nova MÚSICA aquática
20 • ECOLOGIA
É agir agora ou NUNCA
21 • TOUR CULTURAL
A casa VERDE
23 • CELEBRAÇÃO
Os 102 anos da AEL
24 • CINEMA
O Som da LIBERDADE
25 • HISTÓRIA
E o DC-3 não voltou...
26 • ARTIGO
Trinta anos de AEL
27 • LEMBRANÇAS
O último concerto em PARIS
28 HISTÓRIA DO ES
O julgamento de ARARIBOIA
29 • ACADEMIA
Imortalidade ACADÊMICA
30 • MEMÓRIA
Moulin, o DISRUPTIVO
31 • ARTIGO
O mais francês dos poetas CAPIXABAS
32 • MÚSICA
O pescador DE SONS
33 • FIGURAS ILUSTRES
Encontro DE ALMAS
34 • TÚNEL DO TEMPO
Vinte anos sem RENATO PACHECO

• EDITORIAL

Nossas almas LITERÁRIAS

Ouse atravessar o "túnel da história" nas páginas seguintes...

Fernando Pessoa fora preciso ao invocar que "a literatura, como toda a arte, é uma confissão de que a vida não basta". Afinal, conforme pensamento de Mário Vargas Llosa, se em um todo a literatura não nos faz felizes, a verdade é que a arte literária tem ao menos o poder de nos defender da infelicidade...

É com imensa honra e profundo prazer, devidamente provindos de almas literárias, que a Academia Espírito-santense de Letras publica este primeiro número da nossa Folha Literária. Talvez exista, nas páginas seguintes, uma espécie de túnel da história que o levará por jornadas intensas; ora jornalística, ora literária. E, noutrora, à fusão de ambas.

Os nomes que compõem esta edição, sobretudo os captados da História do Espírito Santo, prometem embebecer os sentimentos de todo aquele que ama cultura. Há pautas para todos os gostos: televisiva, cinematográfica, literária, histórica, musical, humanística e, entre outras, do amor por vastas terras capixabas.

Os 102 anos que abraçam a historicidade da nossa Academia de Letras projetam a nossa Casa Kosciuszko Leão Barbosa como uma das mais tradicionais do Brasil, mostrando que, cada vez mais, devemos aproximar a nossa arcádia de todos os públicos. Tem sido assim nas últimas décadas, em contatos com estudantes e a população carcerária, por exemplo. E a certeza é que essa proximidade será ainda maior nos anos vindouros.

Os nossos acadêmicos e acadêmicas, cingidos pelo incorrigível amor às letras, unem-se nesta Folha Literária em um forte e consciente abraço às cousas enraizadas ao amado Espírito Santo. Receba, com o carinho devido, esta edição naturalmente germinada do coração da AEL. *Semper ascendere* é essencial, conforme preconiza nosso secular dilema.

Boa leitura!

Romulo Felippe, editor
(Cadeira 09 da AEL)

• EXPEDIENTE

folhaliterária
Revista literária e jornalística da Academia Espírito-santense de Letras
- #01 #2023

Romulo Felippe
Editor

DIRETORIA DA AEL:
Ester Abreu - Presidente
Getúlio Neves - 1. Vice-Presidente
Marcos Tavares - 1. Tesoureiro
Romulo Felippe - 1. Secretário

ACADÊMICOS
Adilson Villaça de Freitas
Álvaro José dos Santos Silva
Anaximandro Amorim
Bernadete Lyra
Carlos Nejar
Douglas Puppin
Ester Abreu
Evandro Moreira
Fábio Daflon
Fernando Achiamé
Francisco Aurélio Ribeiro
Francisco Grijó
Gabriel Augusto de Mello Bittenocurt
Getúlio Neves
Humberto Del Maestro
Ítalo Campos
João Baptista Herkenhoff
João Gualberto Moreira Vasconcellos
Jonas Reis
Jorge Elias Neto
José Carlos Mattedi
José Ignácio Ferreira
José Roberto Santos Neves
Josina Nunes Drumond
Leonardo Passos Monjardim
Luiz Busatto
Magda Lugon
Marcos André Malta Dantas
Marcos Tavares
Maria das Graças Silva Neves
Matusalém Dias de Moura
Neida Lúcia Moraes
Oscar Gama
Osvaldo Ovídio dos Santos
Pedro J. Nunes
Renata Bomfim
Romulo Felippe
Samuel Machado Duarte
Sérgio Bizzoto Pessoa de Mendonça
Wanda Alckmin

PREFEITURA DE VITÓRIA
Lorenzo Pazolini
Prefeito de Vitória
Estéfane da Silva Franca Ferreira
Vice-Prefeita
Eduardo Henning Louzada
Secretário Municipal de Cultura
Elizete Terezinha Caser Rocha
Biblioteca Municipal Adelpho P. Monjardim

Academia Espírito-santense de Letras
Praça João Clímaco, 54
29.015-110 – Centro, Vitória, ES
www.ael.org.br

Eu vos escrevo DA ILHA

"...recordo de como atravessamos a Praça com seu relógio lançado contra o céu como um totem cinzento e de como subimos a escadaria rumo à Cidade Alta"

Bernadete Lyra
(Cadeira 01)

Dizem que os historiadores se baseiam em cometas e eclipses, quando querem estudar fragmentos de uma saga perdida. Fico a pensar que seria esse um notável artifício para fixar alguns episódios que a memória da gente, esgarçada pela espuma dos dias, só consegue entrever aos pedaços.

Nem sei se eclipses e cometas fazem parte das minhas recordações. Porém, como uma menina criada entre os coqueiros e o vento nordeste, sei de muitas outras coisas. Sei de conchas, águas vivas, balsedos e peixes. Mas peixes, balsedos, água vivas e conchas não são instrumentais. Não me permitem recompor o mapa de outros espaços para além daqueles da Barra.

Assim é que se eu quiser falar da Ilha, da primeira vez em que a vi (coisa que me ocorre para festejar os seus 473 anos), terei de me aventurar por dentro do território obscuro do tempo, com suas luzes dispostas em uma fileira até o infinito. Então começo dizendo que eu vos escrevo da Ilha.

A primeira vez, vista do alto-mar, ao longe, a Ilha contra o continente, tudo era como uma cadeia azul de montanhas. "Menina, aquele é o Mestre Álvaro", falou o marinheiro apontando uma pedra à distância. A pedra alta e imensa brilhava entre pedras mais baixas. Coisa que eu, vinda de uma terra plana de águas e areias, ainda nem ainda conhecia.

Um burburinho de cordas lançadas. Barquinhos em volta do pequeno navio. Uma tábua para atravessar até o cais. Desembarquei, ainda tonta daqueles quase dois dias mareados. Às vezes deixando a diminuta cabine revestida de tábuas para olhar a linha do horizonte encostando no mar; às vezes dormitando no beliche repartido com minha tia Glorinha, enquanto a chama do lampião balançava, de lá para cá, a cada batida de uma onda mais forte no casco.

De quase nada mais lembro. Após o desembarque, recordo de como atravessamos a Praça com seu relógio lançado contra o céu como um totem cinzento e de como subimos a escadaria rumo à Cidade Alta. Era essa mesma escadaria que, do meu exílio, tantas vezes subo e desço em sonhos. E que eu própria, em "Memória das ruínas de Creta", enchi de minotauros. Minotauros sofredores da luz, chagados do ruído, que se afastam do sol, se escondem no silêncio.

Ainda hoje, quando retorno à Ilha, eu os vejo, disfarçados, bebendo nos bares do Centro. E, pela madrugada, estonteados de sono, erram à cata dos becos escuros que cortam as ladeiras atrás da Catedral, onde eles se abrigam e têm a ilusão de estar no labirinto.

Pois é desta Ilha que, agora, vos escrevo. Não da Ilha física de Vitória, Latitude -20° 19' 10", Longitude -40° 20' 16". Eu vos escrevo da Ilha dos Minotauros, situada no imaginário de minhas cartografias. E antes que alguns pragmáticos me acusem de desrespeito para com a realidade, eu explico.

Desde criança me acostumei a ser apontada como uma criatura sujeita a alucinações. E nunca reclamei. Pois sei que isso é um jeito que algumas pessoas têm de para justificar o estranhamento que sentem comigo. E, afinal, não descreio das minhas alucinações. Até gosto delas. Mas são tão bobinhas! Nem chegam aos pés daqueles gloriosos delírios que impeliam à fogueira as bruxas, os místicos e a coitada da Joana D'Arc.

No entanto, a elas devo a possibilidade de reordenar os acontecimentos do cotidiano para encaixá-los em alguma passagem de meus contos, romances e sei mais lá o quê. Por isso, desculpai a singeleza desta crônica ligeira. Foi escrita para ser um presente de aniversário. Mas acaba que está confeitada de coisas absurdas da imaginação.

União das ACADEMIAS

Evento em MS reuniu 17 academias estaduais de LETRAS

Realizado nos dias 19 e 20 de outubro em Campo Grande, capital de Mato Grosso do Sul, o Congresso das Academias Estaduais de Letras deu ao País uma demonstração de vigor não somente da literatura, mas de incentivo e apoio às diversas manifestações culturais, expressando um sentimento nacional.

Assim a presidente da Academia Espírito-Santense de Letras, Ester Abreu Vieira de Oliveira, avaliou o evento e pontuou sua dimensão: "é a primeira vez que vejo esta reunião com tantas academias. O acontecimento é de uma importância muito grande", frisou Ester. "Nós estamos sempre incentivando a leitura, dando valor ao escritor e ao livro impresso, e não só ao book, aos livros que saem de dentro dessa inteligência artificial, até com prejuízos para a boa obra, pois traz textos sem o amor, sem a alma do escritor", completou.

"Para os jovens este evento é fundamental, para incentivar a leitura e o escritor que cada um é. Todo escritor escreve porque necessita esvaziar sua alma e não pensa em sucesso, de um modo geral. E nós, do Espírito Santo, estamos contribuindo com esta valorização, queremos o fortalecimento cultural do País e dos seus autores", enfatizou Ester.

O evento foi realizado pela Academia Sul-Mato-Grossense de Letras (ASL), presidida pelo acadêmico Henrique de Medeiros. Após a abertura no Bioparque Pantanal - prestigiada pelo governador Eduardo Riedel e dezenas de autoridades, -, o Congresso reuniu os acadêmicos na sede da AL. A Academia Brasileira de Letras (ABL), que participou como observadora, foi representada pelos imortais Ricardo Cavaliere e Antonio Cícero.

Depois de dois dias de debates e apresentações de cada Estado, o Congresso foi encerrado com a leitura da Carta de Campo Grande 2023.

Presidentes de Academias de todo o País reunidos.

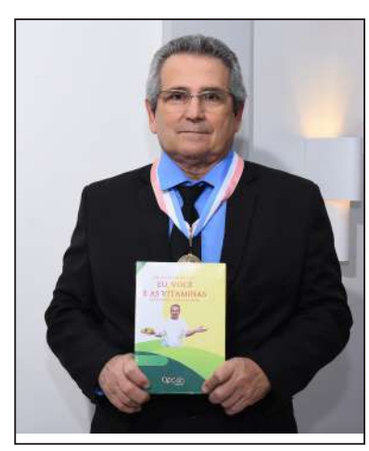
Marcos André: "Eu, você e as vitaminas"

Acadêmico da AEL lança livro com evidências médicas

Qual é a quantidade de vitaminas presente nos alimentos? A pergunta pode parecer simples, mas, na verdade, depende de uma série de fatores. O médico nutrólogo Marcos André Malta Dantas, membro da Academia Espírito-santense de Letras, discute alguns deles em seu mais novo livro "Eu, você e as vitaminas. Um namoro com a medicina", no qual apresenta evidências e casos reunidos em seus mais de 40 anos no exercício da profissão.

A obra é uma publicação da editora Cajuína. Com uma abordagem inovadora, aliando o conhecimento técnico-científico à experiência prática de consultório, o livro explica como cada uma das vitaminas atua no metabolismo celular, impactando no funcionamento do corpo humano, afetando a imunidade, saúde óssea e muscular, sistema nervoso, cabelo, pele, entre diversos outros aspectos.

Com mais dez livros publicados, Marcos André Malta Dantas é médico especialista nas áreas de Nutrologia, Endocrinologia, Clínica Médica e Clínica de Dor. Foi introdutor da Medicina Ortomolecular no estado do Espírito Santo. A obra está disponível para compra em livrarias, no site da Amazon e da editora Cajuína.



A casa das OITO MULHERES

Romulo Felippe
(Cadeira 09)

A pujança da escrita feminina, marca indelével no mundo literário, também marca a trajetória da Academia Espírito-santense de Letras. Hoje, dos quarenta acadêmicos que integram a casa centenária, oito são escritoras. Neida Lúcia, Ester Abreu, Bernadette Lyra, Magda Lugon, Gracinha Neves, Josina Drumond, Wanda Alckimin e Renata Bonfim formam a alma feminina da AEL – desfilando, com graciosidade, textos líricos e apaixonantes.

A mais longeva das acadêmicas, Neida Lúcia Moraes é a terceira ocupante da Cadeira 29 da AEL. Nasceu em Vitória, em 12 de junho de 1929. Desde menina revelou inclinação para as letras, escrevendo histórias infantis e poemas que recitava na escola. Sempre com o apoio paterno.

"Na escola recitava poesia e era aplaudida pelos colegas. Isso aos 10 ou 11 anos. Meu pai era o meu grande incentivador. Eu adorava ir, por incentivo dele, aos jornaleiros comprar meus livros prediletos. Juntava o meu dinheiro para esse fim. Nas viagens em família sempre aproveitava para visitar as livrarias", revela.

Diplomou-se em História pela Ufes e tem dedicado os seus estudos a um aprofundamento contínuo dos fatos que marcaram o conjunto da história das civilizações. Romancista de sucesso, costuma abordar a história como pano de fundo de seu trabalho ficcional. Seus romances atingem edições sucessivas e já são traduzidos em países europeus.

"O primeiro livro veio aos nos 30 anos de idade, o romance "Olhos de ver", que teve oito edições. Hoje são seis romances lançados, além de cinco livros sobre a História do Espírito Santo", afirma a confreira, com obras traduzidas em diversas línguas. "Escrever representa uma grande ventura na minha vida".

Em 1998, seu romance O mofo no pão foi traduzido para o romeno e a autora convidada para o lançamento que aconteceu em Bucareste, numa tarde movimentada e festiva. Neida Lúcia foi a segunda mulher a entrar na AEL e não titubeia: "acredito que conquistamos um grande respeito para com a escrita feminina na literatura moderna. Um crescimento gigantesco". Atualmente, ela trabalha em um novo romance no alto dos seus 94 anos.

Para compreender a importância da mulher em uma das casas literárias mais tradicionais do Brasil, basta dizer que a Academia Espírito-santense de Letras é presidida, já em seu segundo mandato, pela escritora e professora Ester Abreu Vieira de Oliveira - nascida em Muqui em janeiro de 1933.

"A nossa Academia não variou muito sobre receber um elemento feminino entre os seus membros. Fundada em 1921, a mulher entrou na AEL em 1981, 60 anos depois de sua organização. E 13 mulheres pertencem a seu quadro de acadêmicos. Dessas, cinco faleceram", avalia a presidente da Casa Kosciuszko Leão Barbosa.

Ocupante da Cadeira 27, Ester é graduada e Bacharel em Letras Neolatinas pela Ufes. Tem vários cursos de Especialização em língua e literatura espanhola. Mestra em Letras Português pela Pontifícia Universidade Católica

do Paraná (PUC-PR); doutora em Letras Neolatinas pela UFRJ e com pós-doutorado em Filologia Espanhola.

"Por muito tempo a literatura produzida por mulheres tem sido silenciada. Haja visto o modelo das academias de letras no Brasil, a ABL, uma instituição com anos de fundação, possui 40 cadeiras e levou 80 anos (1897-1977) para aceitar uma mulher em seu quadro. Essa foi Rachel de Queiroz. Hoje, a ABL, com 126 anos, dez mulheres ocupam as suas respectivas Cadeiras, numa proporção pequena para o número de acadêmicos", analisa.

Com textos traduzidos para o árabe, inglês, italiano, francês, espanhol e pomerano, sua produção como escritora consta de livros didáticos, infantis, de tradução, de poesia, de crônicas e de ensaios. Mas, por que escrevem as mulheres? "Como ser humano escreve para expressar seus anseios, suas ideias, seus objetivos e por lhe dar prazer", crê.

Segundo a presidente da AEL, com os diversos seminários e congressos sobre a produção da mulher escritora, efetuados de uma maneira universal em vários gêneros (romance, poesia, dramaturgia), a mulher passou a ser olhada com mais interesse por sua produção literária, inclusive a de tradutora passou a ter uma visão mais atenta.

"Por motivos mitológicos, antropológicos, sociológicos e históricos a mulher foi excluída do mundo da escrita, mas seu papel é importante, seja como autora, como personagem ou como objeto de estudo. Isso no cenário literário da contemporaneidade brasileira", finaliza a escritora.

Nascida em Conceição da Barra em outubro de 1938, Bernadete Lyra é dona de uma carreira literária de encher os olhos. Lançou seu primeiro livro em 1981, a obra de contos "As Contas no Canto". E, na extensa lista até os dias atuais, um destaque imenso para o romance "A Capitoa", que saiu em 2014.

"Escrever ficção, criar histórias, inventar situações, trabalhar a escrita até que se reduza ao essencial: sempre foi esse meu maior exercício de liberdade. Liberdade da imaginação, dos sentimentos, das convicções. Já o fato de ser considerada "escritora" me provoca uma espécie de ceticismo temeroso, lado a lado com uma infinita doçura de prazer: sou exigente comigo, mas me delicio, quando escrevo literatura".

Bernadete acredita que a escrita "tornou-se uma atividade tão natural para mim que nem posso precisar quando a descobri". E complementa: "talvez eu tenha nascido com o "dom" de criar com as palavras, de que falam os gritos africanos. E sou grata por isso". Sua obra solo mais recente é o livro de crônicas "Guananira", de 2019.

A escritora crê que papel da mulher na literatura de qualquer tempo é o que ela quiser. "Estou plagiando o conhecido mote feminista para ilustrar o fato de que a atuação das mulheres que escrevem e os tempos de produção da literatura estão ligados, formam um elo na corrente dos séculos. Esse elo vai se modificando com as mudanças sociais, tecnológicas, políticas e culturais que ocorrem na humanidade. Não sem luta, sem acomodações, sem perdas, sem ganhos", salienta.

Para a acadêmica, o fenômeno do tsunami literário que envolve as publicações de tantas e tantas escritoras (e escritores) e inunda os dias atuais se deve a essas mudanças. "Quanto à leitura de livros escritos por mulheres, é certo que já existem movimentos e grupos voltados para essa questão, mas nada posso afirmar sem dados estatísticos concretos", afirma Bernadete Lyra. Ela lembra o artigo "Mulheres e ficção", de1926, no qual Virgínia Woolf escreveu: "...se quisermos saber por que, num determinado momento, as mulheres fizeram isto ou aquilo, por que não escreveram nada, por um lado, e por que, por um outro escreveram obras-primas, é extremamente difícil dizer. É da mulher comum que a incomum depende".

O que representa integrar a Academia Espírito-santense de Letras? "É prazeroso estar rodeada de gente que tem as mesmas indagações existenciais sobre a arte literária e o fazer cultural que eu tenho. É uma espécie de amor. E como todo amor, "que seja eterno, enquanto dure", como disse o poeta Vinícius de Moraes".

Perto de completar oito décadas de vida, a escritora Magda Regina Lugon Arantes – filha de Vila Velha e nascida em 13 de junho de 1944 –, ocupa a Cadeira 38 da AEL.

Graduada e pós-graduada em Direito de Estado na Ufes, estreou na literatura em1992 com "A pequena flor"(diálogos poéticos, 2ª edição português/francês. Já em 1993, teve o seu "Os limites do reino" traduzido para o japonês).

"Os primeiros versos surgiram-me aos doze anos, quando publiquei poemas no jornal "O município", de Muqui, um deles intitulado "A lenda dos morros azuis". A escrita simboliza o som, a nota animada representada na grafia... aqui dominei aos cinco anos", relembra a escritora. Nos anos seguintes, Magda publicou diversos outros livros, em especial de sonetos.

A escritora ressalta que, na literatura moderna, "vemos as mulheres lendo, escrevendo e publicando sobre temas voltados para a ocupação dos espaços que lhe foram vedados ante à imposição masculina". Cita como exemplos de escritoras Djamila Ribeiro, Carolina Maria de Jesus, Fernanda Torres, Conceição Evaristo, Lilia Schwarcz, Amara Moira, dentre muitas outras.

"Na esfera da poesia, a inesquecível Haydée Nicolussi, patrona da cadeira de nº 06, da Academia Feminina Espírito-santense de Letras, mulher muito à frente de seu tempo na literatura e na militância política. E, mais recentemente, louvamos as obras poéticas de nossas confreiras aqui representadas na pessoa de Ester Abreu Vieira, presidente da nossa AEL", elenca.

Magda Lugon foi premiada com o 3º lugar no Concurso Mundial de Haikais em Esperanto, promovido pela Rádio Clube de Beijing, na China. Um dos seus maiores orgulhos é sua posse na Academia de Letras. "Ser membra da AEL é uma honra ímpar, um destaque social sem precedentes, um prêmio para o eleito que tenha contribuído para engrandecimento da nossa literatura. Foi uma grande

emoção quando eu fui eleita para compor tão seleto time de escritores. Deixar o nome na história da literatura capixaba é um orgulho".

Maria das Graças Silva Neves, musicista e escritora, é titular da Cadeira 23. Nasceu em Pancas, ao norte do Espírito Santo, em agosto de 1949. Integra, além da AEL, várias outras Academias – sendo Presidente de Honra da Academia Feminina Espírito-santense de Letras e membro da Academia Nacional de Música.

"A literatura foi uma porta que se abriu na minha vida através da música. Convidada pelo Diretor de "A Gazeta", o senhor Darcy Pacheco de Queiroz, comecei a escrever como crítica de música erudita do Caderno 2, duas vezes por semana. Os artigos eram a respeito de apreciações e críticas dos concertos que se realizavam no Theatro Carlos Gomes, pelo projeto "Música para Jovens" e entrevistas com músicos e compositores que participavam de Festivais em Vitória", recorda.

Foram a partir desses artigos que Annette de Castro Mattos, então presidente da AFESL, motivou Gracinha a escrever outros temas e a levou para fazer parte da Academia Feminina Espírito-santense de Letras, no ano de 1978. "O crescimento de escritoras é crescente a cada dia. O que era mantido à margem, relegada a um segundo plano, a mulher caseira que mal podia exprimir seus anseios, não existe mais há muitos e muitos anos...".

De acordo com Gracinha Neves, nos dias atuais a imagem feminina é vista como exemplo em todos os segmentos da sociedade, com destaque no tempo moderno e contemporâneo ligado à uma mulher revigorada, seja ela de qualquer raça ou de qualquer cor.

"A mulher de hoje está atenta ao seu papel social e profissional, onde a liberdade de comportamento, através das letras nesses últimos séculos, a fez mudar hábitos, conquistar valores e se impor perante ao universo mundial", analisa. A acadêmica é autora de livros como "Graça que graça, a Vida", "Variações sobre o mesmo tempo", "Coral dos Ventos", "Trevo de Quatro Folhas", além dos livros bilíngues (português-francês) "Le Vivier du Silence" e "Artes e Letras Capixabas", entre outros.

"O título na AEL foi uma conquista importante, mas o meu olhar foi sempre pautado pelo crescimento da literatura, união e interação entre os escritores para melhor aperfeiçoamento e maior aprendizagem. Não compactuo com atitudes narcisistas e disputas partidárias. Portanto, faço valer a minha fé em me comportar consciente de que nada é eterno e tudo é efêmero", acredita.

Ainda que nascida na fazenda da Charneca no ano de 1951, no Alto Paranaíba, a acadêmica Josina (Jô) Nunes Drumond, é "capixabou-se" desde 1988. É professora, pesquisadora, tradutora juramentada, poeta, escritora e artista plástica. Titular da Cadeira 32, a visão poética com a qual enxerga o mundo encanta a todos.

"Aos poucos, as mulheres passam a ter um lugar ao sol, assim como um lugar no universo literário e editorial. Até meados do século passado, havia poucas escritoras, pensadoras, filósofas, cientistas... porque as mulheres não tinham acesso ao ensino formal. Eram educadas e preparadas especificamente para se tornarem mães de família de donas de casa. Hoje em dia há um crescimento significativo na literatura de autoria feminina e, por conseguinte, uma ampliação no número de leitores", analisa.

Graduada em Letras, em Artes Plásticas e em Langue, Littérature et Civilisation Françaises, pela Universidade de Nancy, com 4 estágios na França, sendo um em Paris, na Universidade de Sorbonne, e outros 3 na Universidade de Franche-Conté, em Besançon, além de pós-graduação, doutorado e mestrado, Jo Drumond é dona de respeitável repertório literário: são três livros de poemas, sete de ensaios literários, doze de contos e crônicas e quatro infantis.

"A escrita é meu melhor canal de interação social, sobretudo nas redes virtuais, visto que a timidez interfere muito em minha fala, sobretudo em público. Sinto-me à vontade no momento da escrita; o inverso acontece no momento da fala. Comecei a escrever poemas intimistas, numa época de grande solidão. Mais tarde percebi minha nítida predileção pela prosa, sobretudo pelos contos".

Com diversas publicações variadas em inúmeras antologias, a escritora dedica-se nas horas vagas à aquarela e ao mosaico. Participou de mais de uma dúzia de exposições coletivas, em Minas Gerais, com trabalhos em esculturas, marchetaria, monotipia, serigrafia e pintura. E ama dedica-se à literatura e a pesquisas.

Sobre a AEL, comprova a paixão pela instituição centenária: "como dizia Guimarães Rosa, sou imortal, mas não "imorrível". A imortalidade literária nada mais é que o legado deixado pelos escritores às gerações futuras. Nesse aspecto, as Academias de Letras desempenham um papel muito importante, pois cada geração de imortais deixa uma espécie de daguerreótipo da época em que viveu", conclui.

Terceira ocupante a Cadeira 30, a escritora Wanda Maria Bernardi Capistrano Alckmin nasceu em Belo Horizonte, Minas Gerais, em janeiro de 1952, mas está radicada em Vitória há mais de 40 anos. Possui cerca de 20 livros publicados, inclusive bilíngues (francês, espanhol e italiano). É uma das mais contumazes incentivadoras acadêmicas do amor pela leitura.

"A escrita iniciou na minha infância, quando me encantei com o desenho das letras. Nas tarefas de caligrafia, percebia a expansão da minha imaginação nos contornos, nas curvas, nas descidas e nas subidas no exercício da formação das letras. Ali eu encontrava a dança e o ritmo do meu dia de criança", rememora."

Foi a partir dessa constatação, desta comunhão, que Wanda percebeu que ela e a escrita eram 'gêmeas univitelinas'. "A escrita me complementava, e juntas éramos uma só. Eu seria a palavra. E a palavra seria a minha outra margem. O meu espelho. O meu avesso. Com ela eu alcançaria a Luz, a Água, a Vida, todo o Universo. Fiz do alfabeto a construção de minha coluna vertebral".

A acadêmica tem formação na Ufes em Artes Visuais, desenho na Escola Guinghard, Belo Horizonte, e formação holística como professora de Yoga e mestra de Reiki. É também membro do Instituto Histórico Geográfico do Espírito Santo, da Academia Feminina Espírito-santense de Letras e da Academia Mateense de Letras.

"Ser uma imortal na AEL é sempre um marco em nossa vida. Por isso a responsabilidade de pertencer a uma cadeira não

significa estarmos sentadas, e ficar a olhar no espelho da vida o nosso próprio umbigo. O cuidar da nossa cadeira é fazer com que o nosso levantar e o nosso assentar seja digno. Pleno de movimentos que se agregam, que enriquecem, que façam a nossa sociedade refletir e prosseguir", ressalta.

Para a escritora, ao pertencer a uma cadeira acadêmica e se tornar uma imortal na escrita, o ser humano é entrelaçado aos seus antecessores e, juntos, formam um livro que tenha um peso digno na estante virtual e física da vida. Além dos muitos livros lançados, Wanda coleciona participação em várias antologias no Espírito Santo, Minas Gerais, São Paulo, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul.

"O papel da escrita da mulher veio para acrescentar o outro prato da balança, o símbolo da nossa justiça. Sem a história da mulher, teríamos um só peso e uma só medida. Com a chegada do seu olhar, do seu posicionamento, do seu estudo, da sua ideia e da sua expressão, a história da literatura se completou. Tudo se uniu, o yang e o ying, as horas e os minutos, o dia e a noite, o fluxo e o refluxo…".

Wanda Alckmin enxerga um crescimento mágico no número de escritoras no Brasil e no mundo. "Assim, a escrita se tornou divinamente equilibrada e inteira. Com a valorização da mulher na evolução da sociedade, não só aumentou o número de escritoras femininas como também a procura por sua literatura".

Renata Bomfim tomou posse na Cadeira 6 da Academia Espírito-santense de Letras substituindo uma das escritoras mais admiradas da literatura capixaba, a jornalista Jeanne Figueiredo Billich. Nascida em Vitória em novembro de 1972, a escritora é conhecida pelas atuações como ativista ambiental em defesa da Mata Atlântica.

Para ela, o crescimento das mulheres na literatura moderna é exponencial. "A mulher tem papel de protagonista na escrita. Durante séculos silenciada e objeto do discurso masculino, a mulher contemporânea reescreve a história, subverte estereótipos femininos e constrói um cânone próprio, marcado pela diversidade, ousadia e autenticidade", reitera.

Poeta, ensaísta e doutora em Estudos Literários pela Ufes, Renata Bomfim desenvolveu pesquisas no campo da poesia Iberoamericana, investigando, a partir do viés comparativo, as poéticas de Florbela Espanca (poeta portuguesa) e de Rubén Darío (poeta nicaraguense). Possui um diploma de bacharel em Artes pela Ufes, mais tarde se especializando em Psicologia Analítica Junguiana, Arteterapia na Saúde e na Educação e em Psicossomática.

Sobre sua ascensão como membro da AEL, a escritora se diz que, para ela, há "representatividade e resistência". "Me candidatei para uma cadeira na Academia de Letras para honrar a luta de escritoras como Judith Leão Castelo Ribeiro, Maria Stella de de Novaes, Carmélia Maria de Souza e tantas outras capixabas que lutaram por um lugar de reconhecimento nas letras do Espírito Santo".

Renata Bomfim é autora de quatro livros de poesias: *Mina* (2010), *Arcano Dezenove* (2012), *Colóquio das Árvores* (2015) e *O Coração da Medusa* (2021).

> A escrita representa a possibilidade de (re)existência e de (re)encantamento do mundo. Escrever me mantém (cri)ativa e numa condição permanente de abertura para o mundo. Não considero escrever um "dom", mas um exercício de experimentação da língua e de mim mesma.
> Renata Bomfim

‘O IMORTAL deve doar-se’

Romulo Felippe
(cadeira 09 da AEL)

Mestre e doutora em Letras, e às vésperas de completar 91 anos – os celebra em janeiro próximo –, a presidente da Academia Espírito-santense de Letras, Ester Abreu Vieira de Oliveira, faz um balanço de suas gestões por dois mandatos na Casa Kosciuszko Barbosa Leão. A muquiense, que ocupa a cadeira 27, celebra os 102 anos da arcádia falando dos desafios enfrentados no período pandêmico, do fato de a AEL ser uma terra literária sem fronteiras e, entre outros, afirma sem meios termos: “no meio acadêmico existem pesquisas, projetos, participação em eventos e publicações pessoais e o imortal deve fazer parte desses movimentos. Ele deve doar-se”.

folha literária.: Presidente, como a senhora avalia os seus mandatos junto à nossa centenária AEL?

Ester Abreu: Avaliar o que se faz é sempre difícil, pois depende do critério de justiça e do ego. Mas gostaria de ter feito mais do que fiz, se não fosse impedida por impactos negativos não abordáveis. Estou no segundo mandato. O primeiro foi iniciado em 15/12/ 2019, e, se Deus o permitir, devo terminar o segundo em 15/12/ 2025. Relembrando alguns dados positivos desse período, pode-se julgar que não passou despercebida a AEL junto à sociedade, nem ela deixou de realizar ações culturais. Na primeira etapa do mandato, em 2020, a AEL realizou concursos para a comunidade em geral e para apenados, e visitas à prisão levando livros e diálogos literários, mas a covid trouxe problemas de afastamento e diminuição de compromissos culturais, e de dificuldades de festejar o centenário da AEL, fundada em 1921. Porém, com os cuidados concernentes à saúde, conseguiu junto à Cúria Metropolitana missa celebrada com o Arcebispo e visita à cripta onde está sepultado o primeiro Presidente da AEL, Dom Benedito Paula Alves de Souza. Contudo, a modernidade auxiliou à execução de lives. O WhatsApp e os emails nos serviram para consultas e on line, com lives foram feitas reuniões, palestras, encontros literários nacionais e internacionais. A Ufes, na Revista Fernão nº 6, inseriu um portfolio sobre a AEL e a PMV possibilitou a publicação cultural de cinco obras.

Daí veio seu segundo mandato.

Sim. Em 2023, com a crise da pandemia melhorada, já foi possível visita a colégios por acadêmicos, presença da representatividade da AEL em celebrações no Estado e fora dele como em Goiás e em Mato Grosso do Sul, lançamentos de livros, reuniões presenciais, recebimento de alunos na Casa Kosciuszko Barbosa Leão, nossa sede, e festividade comemorando os 102 anos e a realização de concursos.

Para que fique bem claro, e sob a sua afirmação: a Academia de Letras é uma terra literária sem fronteiras. AEL é do povo, é de todos. Certo?

Sem dúvidas é sem fronteiras. Haja vista a variedade de escritores e escritoras que estão também inseridos em diferentes áreas de saber: jornalistas, advogados, juristas, professores, médicos, cirurgião dentista, artistas. E, ainda, entre seus membros estão só aqueles que desejaram fazer parte da instituição e preencheram os requisitos necessários que é ser escritor e em uma reunião geral foi escolhido pelos seus méritos literários. Não importa sexo ou cor, mas a qualidade de sua produção.

Existem também acadêmicos correspondentes que são escritores de outros Estados do Brasil e de outros países como Portugal, Argentina, Costa Rica, México e Espanha.

A AEL é sem fins lucrativos e todas as suas ações são gratuitas e em sua sede recebe jovens e adultos que a queiram visitar ou pesquisar em sua Biblioteca Saul Navarro.

Como a senhora vê o futuro da nossa Casa de Letras?

Semper Ascendere como nosso lema. A amostra é esta publicação e as que a acompanham que provam o cuidado com a língua nacional e a cultura literária.

Nossa arcádia valoriza a literatura feminina, é importante que se diga.

A mulher tem uma voz ativa por meio da qual sobressai o sentimento de inconformidade com os espaços reais e literários relegados a elas e isso vem contribuindo para a divulgação da produção e intensificando a leitura de obras escritas por mulheres. Muitas vêm ganhando prêmios literários, o que desperta interesse. Outras participam de feiras literárias, são indicadas para estudos de suas obras nas academias, nos seminários, e são mencionadas suas obras nas redes sociais. Tudo isso vem contribuindo para a difusão da literatura produzida pela mulher, que historicamente ganha força em nossa Casa dos Livros.

O que representa ser uma imortal da centenária AEL?

Ser imortal acarreta um compromisso social profundo. Pois um imortal acadêmico, de uma maneira geral, é aquele que cria conhecimento, que participa diretamente da cultura, dos eventos culturais, que, de certa forma, se torna modelo de produção acadêmica local. No meio acadêmico existem pesquisas, projetos, participação em eventos e publicações pessoais e o imortal deve fazer parte desses movimentos. Ele deve doar-se. Mas a Academia de Letras precisa da sociedade para ser reconhecida, logo o papel dos imortais acadêmicos é fundamental nesse processo de divulgação, de recepção, de acolhida e de visita a escolas e a movimentos culturais e de produção literária, porém, com cordialidade deve manifestar-se.

Por fim, como um escritor (a) pode se habilitar para uma cadeira em nossa AEL?

O preenchimento de vaga para uma Cadeira na AEL obedece o artigo 12 do Estatuto que indica que, após ter sido declarado o falecimento de um(a) Acadêmico(a), é feita a divulgação por meio de um edital. O candidato ou a candidata deverá: ser um escritor capixaba ou escritor (a) residente no Espírito Santo; enviar a sua inscrição no local indicado no edital e um exemplar de cada obra sua; reconhecer a firma; e anexar um curriculum vitae. Assim qualquer pessoa que desejar pode candidatar-se à vaga a uma cadeira na AEL.

Uma vitrine LITERÁRIA

Programa produzido em parceria com acadêmico e a Rede Vitória valoriza a literatura capixaba

Francisco Grijó (Cadeira 04)

Com o imortal Fernando Achiamé.

Sempre que afirmo ser a literatura a prima pobre das artes, alguém protesta. Não chego a considerar injusto que essa ideia mereça críticas e confrontos, afinal as *belles lettres* são, de todas as sete artes, aquela que pereniza o conhecimento e escancarou as cancelas da imaginação.

Deve-se muito a ela, posto que ela seja muito menos consumida do que a música, o cinema, a pintura e a dança. Enfim, afirmo e reafirmo que é preciso dar-lhe mais visibilidade, mais potência do que ela já possui em forma e conteúdo. Daí as criações (via web) contemporâneas dos clubes de leitura, dos podcasts sobre livros, do comércio literário, dos blogues, das trocas de experiências via redes sociais etc. Justo e necessário.

E quanto ao programa Vitrine Literária, produzido pela parceria entre o escritor, professor e imortal da AEL Francisco Grijó e a Rede Vitória? Bem, este é um dos veículos pelos quais a literatura do ES respira como um bebê sem asma, de brônquios limpos e saudáveis, capaz de, aos gritos, recuperar o fôlego.

Claro que há limites, a saber: tempo, espaço, divulgação. Durante 24 minutos, o entrevistador e o entrevistado versam e conversam sobre aquilo que interessa a quem acessa o *podcast* e o vídeo: os livros, a literatura, as narrativas, os poemas, os dramas.

Evidentemente nem só de escritores, dramaturgos e poetas vive a literatura. Há entrevistas com gente ligada a editoras, a bibliotecas, à produção de livros (ilustração, diagramação). De rappers a contistas; de poetas a romancistas; de teóricos a professores e leitores. Todos distintos entre si e comungando do mesmo evangelho, que é a literatura, o amor pelos livros e sua difusão.

Nascido em julho de 2022, o projeto possui - neste momento em que escrevo - 45 episódios, todos disponíveis na página de vídeo a TV Vitória (via YouTube) ou no Spotify da mesma empresa. É só clicar e checar. A literatura agradecerá, bem como o autor que, incansável, vive para veicular seu trabalho, debatê-lo, difundi-lo. Essa é sua vitrine - ou uma delas. Seja bem vindo, seja bem vinda.

OS ENTREVISTADOS POR GRIJÓ

Oscar Gama, Wilson Coelho, Elizete Caser, Padre Anderson, Camila Dalvi, Duilio Kuster, Fernando Achiamé, Samira Freitas, Ricardo Salvalaio, Jerry Tononi, Inês Aguiar dos Santos Neves, Orlando Lopes, Francisco Aurélio Ribeiro, Pedro J. Nunes, Rodolfo Neves, Aline Dias, Renata Bomfim, Jorge Solé, Marcos Tavares, Alfredo Andrade, Ítalo Campos, Carla Guerson, Lucas Jaques, Jorge Elias, Vitor Nogueira, Marcela Guimarães Neves, Ruy Perini, Álvaro Silva, Heron Miranda, Anaximandro Amorin, Saulo Ribeiro, Rita Maia, Lilian Meneguci, Caê Guimarães, Stel Miranda, Romulo Felippe, Suely Bispo e José Roberto Santos Neves.

Francisco Grijó com o acadêmico Álvaro José.

Com a escritora Renata Bomfim.

"Nossa LITERATURA é uma das mais poderosas do mundo"

Membro da AEL e da ABL, Carlos Nejar ecoa sua voz em defesa do escritor brasileiro

Romulo Felippe
(Cadeira 09)

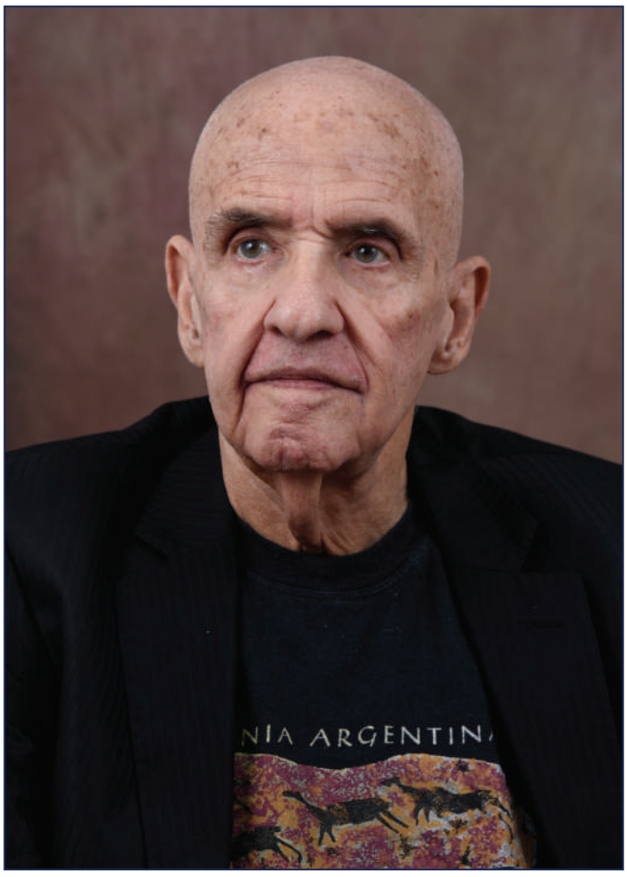


Foto: Cintia Orth

Embora nascido em Porto Alegre, em 11 de janeiro de 1939, as raízes do coração de Luiz Carlos Verzoni Nejar estão fincadas em terras capixabas. Afinal, viveu anos dos mais felizes em seu Paiol da Aurora, em Guarapari. Membro da cadeira 16 da Academia Espírito-santense de Letras, e ocupante da cadeira 04 da Academia Brasileira de Letas – ambas instituições centenárias –, Carlos Nejar é uma das mentes literárias mais brilhantes do país. Não à toa é considerado um dos trinta e sete escritores-chave do século passado, entre trezentos autores memoráveis, compreendidos de 1890 a 1990, segundo ensaio do crítico suíço Gustav Siebenmann, *Poesía y poéticas del siglo XX en la América Hispanica y el Brasil* (Ed. Gredos, Biblioteca Romântica Hispânica, Madri,1997).

Autor de um número incontável de livros e honrado com diversos prêmios no Brasil e no mundo, além das várias indicações ao Nobel da Literatura, Nejar demonstra, nesta entrevista exclusiva para a **folhaliterária.**, que o autor brasileiro "não deve nada ao mundo". Ele discerne sobre seu amor pela literatura, com forte influência paterna; sobre a honra de pertencer a duas academias tão importantes no cenário nacional; e, entre outros temas abordados, responde se o livro existirá daqui um século: "ainda sou apegado ao livro impresso: posso tocá-lo, senti-lo", afirma. Por fim, o 'pampiano capixaba' nos presenteia contando uma passagem de sua amizade com o 'sabiá' da crônica brasileira, o cachoeirense Rubem Braga.

folhaliterária.: Como surgiu a paixão pela literatura?

Carlos Nejar: Não somos nós que escolhemos a Poesia. Ela que nos escolhe. O mesmo acontece com a criação. Apenas quando estudava no Colégio do Rosário a "Eneida", de Virgílio , ou a "Ilíada", de Homero, admirava a forte épica desses livros, lia, relia, como algo de que gostaria ter feito. Mas só criamos quando sabemos os nossos limites.

E a quem deve esse vínculo com os livros?

Devo ao meu pai Sady Nejar, que, apesar de comerciante de fazendas, cercou-me de uma biblioteca rica de autores como Shakespeare, Camões, Machado, Júlio Verne, Eça de Queiroz e outros. Ali descobri que as palavras têm mundo, percebi o seu amor. E as palavras então me amaram.

Com toda a sua vivência, ao fitar o horizonte futurístico qual o papel que os livros desempenharão no dia de amanhã? Mais ainda: o livro impresso existirá daqui um século?

Ainda sou apegado ao livro impresso: posso tocá-lo, senti-lo. Até para negar o livro impresso, publicarão no papel. Mas com o tempo, continuará o livro eletrônico, como instrumento de leitura, ocupando seu espaço. O que importa mesmo é a palavra e sua duração.

Como incentivar e contribuir para a formação de uma nova geração de leitores e escritores?

Com a invasão do celular e do computador, o leitor jovem ficou mais preso ao poder da imagem do que da palavra. Mas o caminho é ler, para criar. Não se cria sem a tradição. Mas creio que, após a covid, que nos prendeu em casa, virá necessariamente a necessidade da cultura, que se ampliará como escolha fundamental, mudando o pensamento e abrindo a clareira de muitos leitores em nova civilização.

Falando em Academia. Comecemos pela nossa casa, a AEL. Quando eleito, o que representou para a sua vida naqueles dias ocupar a cadeira 16 da nossa arcádia centenária?

Foi uma alegria para mim, ao ser lembrado. Recordo que

minha posse teve uma festa no palácio do nobre Governador do Estado, Albuíno Azevedo. E fui saudado na Academia pelo grande saudoso Poeta, mineiro capixaba, Roberto Almada. Estava anônimo em Vitória e me reconheceu na rua. Tinha sido leitor de meu livro "Memórias do Porão".

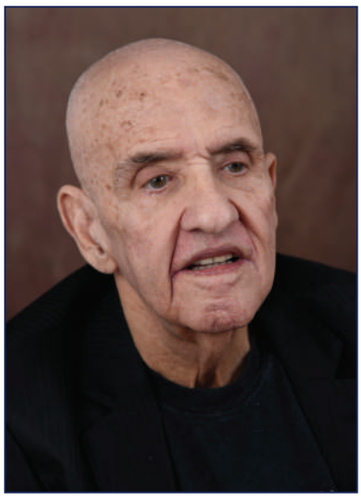


Foto: Cintia Orth

Aliás, tens um coração enraizado no Espírito Santo?

Sim, sou um pampiano capixaba. O amor de Elza me levou do vento do Rio Grande ao do Espírito Santo. Hoje, por iniciativa de um afeiçoado amigo, Dr. Dayan Rosa, foi fundado o Instituto Paiol da Aurora – Carlos Nejar, com um grupo generoso participante da diretoria, confirmando meu vínculo com esta terra, onde sou Cidadão de Vitória, Cidadão do Espírito Santo, Cidadão de Guarapari e da cidade de Roberto Carlos, Cachoeiro.

O tempo do Brasil chegou e Deus é justiça. O mercado se abrirá, apesar do aparente isolamento do português, a falta de conhecimento da língua e da nossa cultura, tudo é político ou invisível, depois visível. O mercado é que terá interesse em nos reconhecer.

Qual é a missão preponderante, hoje, da Academia Brasileira de Letras?

A missão da Casa de Machado é a de defender a língua e a literatura brasileira, bem como o que interessa culturalmente ao país, numa sociedade fraterna de escritores. Com publicação de livros, conferências semanais, trabalhando a criação contemporânea.

Sobre suas indicações para a disputa do Nobel da Literatura. Como as recebeu?

Sim, recebi, há anos, várias indicações ao Nobel de Literatura, desde a direção da cientista Maria Beltrão, do Pen Clube do Brasil, à Academia Brasileira de Filosofia, através do saudoso filósofo Ricardo Moderno e o atual Presidente, Edgar Filho, como pela Academia de Letras de Brasília e tantas outras instituições do Brasil, Espanha e França. Recebi honrado todas as indicações, esperando com certeza de um dia o Brasil, com tantos escritores universais, pode ainda ser galardoado, o que será possível só a Deus, considerando a política que o bafeja e a concorrência mundial. Mas no impossível não há concorrência.

Por que ainda impera certo preconceito com o escritor brasileiro lá fora? Ou há mercado para nossos autores contemporâneos?

O preconceito também é nosso, um instinto de pequenez, ou supervalorização do Exterior. Não devemos nada ao mundo, o Brasil é um Continente e ainda, com o cansaço europeu da guerra, seremos, não apenas pela nossa natureza, a Amazônia, lembrados e valorizados, mas por nossa literatura uma das mais altas e poderosas do mundo, sem o seu desgaste.

... quiçá nomes tradicionais da nossa literatura!

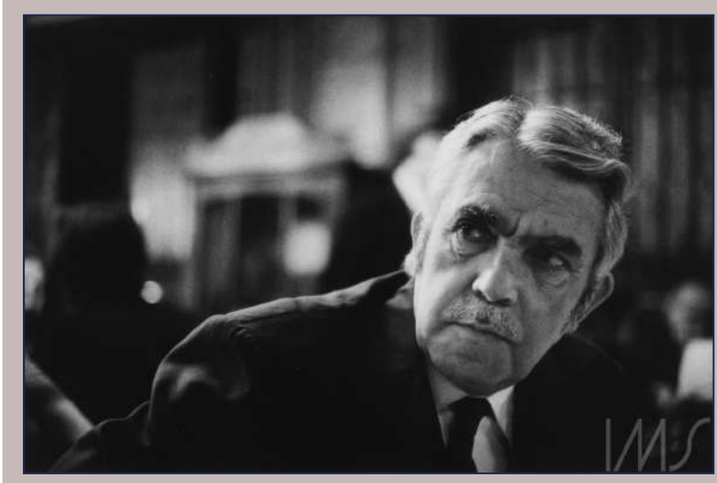
Tivemos um Machado de Assis, Guimarães Rosa, Cecília Meireles, Drummond, Jorge de Lima, João Cabral, Erico Verissimo, Jorge Amado... O tempo do Brasil chegou e Deus é justiça. O mercado se abrirá, apesar do aparente isolamento do português, a falta de conhecimento da língua e da nossa cultura, tudo é político ou invisível, depois visível. O mercado é que terá interesse em nos reconhecer.

Uma mensagem para os capixabas e para os brasileiros.

Tudo acontece pela fé. Não apenas a palavra, também os sonhos. A construção é no impossível que dorme apenas e há que acordá-lo. Nós devemos acreditar tanto nos nossos fantasmas ou em nossas criações, que o universo inteiro passará a acreditar neles.

O PRESENTE INESPERADO DO BRAGA

"Rubem Braga foi meu amigo. Eu o conheci em São Paulo na entrega do Prêmio do Instituto Nacional do Livro, "Prêmio Jorge de Lima", que me foi outorgado em 1970. Convidou a visitá-lo no Rio e fui seu hóspede no quarto onde esteve Pablo Neruda e João Cabral. Ia almoçar com ele, nas viagens do Rio Grande ao Rio. Um dia, na Editora Sabiá, com presença de Fernando Sabino, ao ver uma estatueta muito bela do Prêmio de grande Cronista que ele recebeu do Rio, ao elogiá-la, inesperadamente me alcançou a estatueta, dizendo: "leva, é tua. Como eu, é muito quieta, mas muito amiga de seus
amigos!". Eu agradeci, disse que só a tinha elogiado, mas Rubem insistiu como minha, diante do olhar espantado de Sabino. Então a abracei, levando-a comigo, no carro, para minha casa em Porto Alegre" (Carlos Nejar)



À sombra do HOLOCAUSTO

Livro da acadêmica Neida Lúcia lança luz aos aspectos do antissemitismo no período da inquisição, ocorrida séculos antes do nazismo

Fábio Daflon
(Cadeira 37)

Em seu livro **À sombra do holocausto**, Neida Lúcia nos traz a definição da palavra da seguinte maneira: Holocausto: – Sacrifício, expiação, flagelo; renúncia da vontade própria para satisfazer a vontade de outrem (Pág.5). E na introdução nos informa que o livro trata do caso de Nuno Alves Miranda, preso em 6 de outubro de 1710, pela Inquisição, tendo o auto de fé acontecido em 26 de junho de 1711. Somente após a derrota do nazismo, na Segunda Grande Guerra, o termo holocausto foi popularizado.

A autora nos traz à luz aspectos do antissemitismo no período da inquisição, ocorrida séculos antes do nazismo e perpetrado pela Igreja Apostólica Romana. E se formos bem mais atrás e considerarmos a história do antissemitismo, mais distante, ainda, desde a primeira diáspora dos judeus sob o tacão do Imperador Romano Diocleciano.

Então, à sombra do holocausto nazista há muito mais do que se possa imaginar, desde quando Cristo padeceu sob Pôncio Pilatos, quando os hebreus da Judéia foram inculcados de culpa pela morte de Cristo muito mais que os gentios, por acreditarem que Jesus ainda não era o Messias.

E é a partir do caso de Nuno que a autora nos dá a perspectiva histórica de uma era. E, ao eleger o antissemitismo pré-nazista, nos revela o que existiu no século XVII, a partir da individualidade do personagem, levando o leitor atento a refletir sobre a Inquisição a partir desse prisma antissemita. E seu único delito é ter sido criado por um padrinho seguidor do velho testamento. Casado com Mariana, as suspeitas que provoca sobre si faz que párocos que o estimam tentem protegê-lo, inicialmente, sem conseguirem modificar o discurso de Nuno em relação ao que pensa.

O romance caracteriza-se pelo corte curto nos períodos, os diálogos com travessão, e a presença do narrador onisciente, que se esvai nas últimas páginas quando personagens femininas se dispõem a contar a história, Mariana, por exemplo, ou Raquel, filha de Zé Antunes, homem rico, que vende suas joias para financiar o resgate de Nuno, com quem tinha uma afeição recíproca.

Agricultor, Nuno queria apenas que o deixassem trabalhar e ser feliz, ter liberdade de expressão, ser plenamente. Mas as sombras do holocausto o atingiram. Então, se vê preso e transferido para Lisboa à época que a exploração do ouro nas Minas Gerais por Portugal estava no auge. Não deixando de explorar a situação geopolítica no Espírito Santo de Antanho, que não teve seus portos utilizados por temor de que se invadissem terras brasileiras por corsários franceses.

No romance, há menção a Holanda, país religiosamente tolerante e lugar de fuga de muitos judeus. Há menção ao serviço secreto francês, e às premonições do Iluminismo. Há aventura e desventura, amores e vilanias por causa do amor, como no caso da prostituta que delatou Gonçalo, que era Diego e em Lisboa se tornou Claude, comerciante de perfumes que escapou das galés a que fora condenado.

Há tudo que se pode esperar de um bom romance histórico de ótima lavra, que exige do leitor fôlego para pensar enquanto aprende.

Surpreende-nos o fim, quando, provavelmente, sob o Cismo de Lisboa de 1755 nos revela o tempo no qual Nuno foi mantido preso. Quando os personagens que mantinham relações de amizade e afeição com Nuno conseguem numa tardia segunda tentativa subornar o chefe da carceragem a fim de que a fuga fosse realizada.

É entre a prisão e a fuga o espaço da narrativa.

O FRADE e a FREIRA

Uma leitura imagética sobre o fenomenal monumento rochoso alardeado de lendas

Josina Nunes Drumond
(Cadeira 32)

Nessa linda fotografia, de autoria de Romulo Felippe, vê-se, em primeiro plano, duas silhuetas esculturais rochosas, tendo como fundo um crepúsculo policromático. Faremos rapidamente uma leitura imagética, começando pelos aspectos qualitativos, tais como linhas, cores, volumes, movimentos. Em seguida focalizaremos a localização topográfica e a lenda referente ao monumento rochoso. Fecharemos com algumas pinceladas simbólicas referentes à policromia.

O fundo da paisagem assemelha-se a um céu mal varrido horizontalmente, de modo que as nuvens formam fachos cromáticos, com predominância de cores quentes, sejam elas primárias ou secundárias. A parte superior da fotografia é coberta por cores frias, com diversas nuances de azul até a cor violeta.

No céu, há diversas tonalidades de azul, que vão do claro, com alguns focos rosados, ao azul-marinho, com pontos arroxeados. Logo após, na parte central da imagem, o crepúsculo foi pródigo em tons vibrantes, esbanjando cores quentes tais como amarelo, vermelho e laranja, com fachos de nuvens coloridas partindo do alaranjado fosco, passando por tons amarronzados, até o laranja forte, seguido do vermelho.

À esquerda, sobre as cabeças escultóricas, vê-se um clarão em azul esverdeado. No interstício entre tais cores vibrantes e a linha do horizonte apresentam-se cores secundárias e terciárias, que vão se esmaecendo em tons esverdeados, violáceos e acinzentados até à linha do horizonte, ressaltada pelo amarelo-ouro crepuscular.

O céu, extremamente colorido, em segundo plano, contrasta-se com a escuridão do primeiro plano no qual se vê apenas a silhueta da paisagem contendo as fímbrias da mata, à direita, e duas protuberâncias topográficas rochosas, à esquerda.

O colossal conjunto escultural, O Frade e a Freira, ao Sul do ES, pode ser visto a partir da rodovia BR-101, próximo à divisa do Estado do Espírito Santo com o Rio de Janeiro. São formações rochosas de granito, com 683 metros de altitude, que remetem às ditas figuras. Diz a lenda que um frade e uma freira, que trabalhavam juntos na catequização dos índios, apaixonaram-se, mas como suas vidas deveriam ser dedicada a Deus, não podiam se render a esse amor. Para permanecerem unidos, foram transformados em rochas, de modo a se admirarem, um ao outro, eternamente.

O simbolismo do rochedo comporta diversos aspectos, sobretudo o da imobilidade. A ausência de movimento tem uma ligação com o Divino. O estaticismo é perene e, portanto, divino. A formação rochosa tem uma forte carga simbólica de aspecto religioso. Sabe-se que, no Antigo Testamento, o rochedo é o símbolo da força de Jeová.

Tal rochedo pode prefigurar Cristo, metáfora de "rochedo espiritual". O azul é a mais profunda, a mais imaterial, a mais fria das cores. É a cor do infinito, onde o real se transforma em imaginário. O azul e o branco, cores marianas, exprimem o desapego aos valores deste mundo e o arremesso da alma liberada em direção a Deus.

Ambas as cores são frequentemente associadas a significações mortuárias.

Na fotografia em questão, o azul e o branco se mesclam. Os amantes desapegaram-se das coisas terrenas, foram acolhidos e agraciados pelo Pai Todo Poderoso, pelo fato de terem sido fiéis a seus princípios religiosos.

Sintetizando, partimos de uma fotografia tal e qual ela se apresenta, observando traços, formas, cores e identificando alguns elementos que integram nossa experiência colateral. A fotografia de Romulo Felippe pode ter, evidentemente, inúmeras possibilidades simbólicas.

O processo interpretativo de uma obra de arte é aberto e inesgotável. Essa imagem pode suscitar inúmeras interpretações devido à indubitável qualidade fotográfica aliada a uma inesgotável polissemia. Cada leitor faz uma leitura diferenciada, conforme sua visão de mundo e sua sensibilidade.

Nos idos do SOÍDO

A figura altaneira de Antônio Cláudio Soído, patrono da cadeira 37. Capixaba, militar da Marinha imperial, professor da Academia Naval e poeta

Getúlio Marcos Pereira Neves
(Cadeira 33)

Embora os perfis cambiem com o tempo, o da Academia Espírito-santense já foi o de uma casa que abrigava letrados e cultores das letras pura e simplesmente, independente de origem étnica e racial, conformação biológica e genética, ocupações profissionais e credos políticos ou ideológicos. Entre os seus patronos e acadêmicos contam-se inúmeros jornalistas e professores de letras, é certo, mas contam-se também inúmeros médicos, juristas, farmacêuticos e até clérigos e até militares! -, numa interessante amostra tirada de entre quantos, filhos ou não da terra, aqui ou fora daqui exercitaram de maneira relevante o amor pelas letras.

Crédito: Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha

Entre estes, injustamente esquecidos numa casa que se propõe de memória literária, apenas porque não ostentam perfil palatável aos modernos "petrônios" (aqueles que, auto irrogados, nos tentam arbitrar o gosto), coloca-se a figura altaneira de Antônio Cláudio Soído, patrono da nossa cadeira 37 e da cadeira 12 da Academia Mato-grossense de Letras. Capixaba, militar da Marinha imperial, professor da Academia Naval, poeta versado em ciências e especialmente em hidrografia, ligeira pesquisa em fontes pertinentes atesta sua relevância nos negócios públicos nacionais e nas peripécias culturais locais da província de Mato Grosso, onde fixou residência a certa altura da vida.

Filho do homônimo major Antônio Cláudio Soído, secretário do mal falado e malfadado Governador das Armas da província do Espírito Santo durante as agitações que em Vitória se somaram ao movimento que deu na Independência, nosso patrono nasceu exatamente naquele conturbado ano de 1822. Como Domingos José Martins, outro espírito-santense lembrado fora daqui, foi notabilizar-se longe da sua província natal. Interessantes perfis biográficos dando conta da sua competência no comando de várias embarcações da Armada (inclusive levando pela primeira vez uma embarcação de guerra, o "Maracanã", a Mato Grosso, bem ao centro dos problemas que desaguariam no conflito da Tríplice Aliança), encar-

regado de comissões diversas naquela província (ainda como capitão-tenente foi inspetor do Arsenal de Guerra local), na de Pernambuco e na da Bahia, participou ativamente da demarcação das fronteiras nacionais e do levantamento hidrográfico do rio Paraguai. A propósito, carta hidrográfica assinada por ele e outros engenheiros pode ser consultada nos sites das bibliotecas nacionais do Brasil e do Chile. Já oficial de alta patente, exerceu o comando do Batalhão Naval e a chefia do Estado-Maior da Divisão Naval do rio da Prata e das Forças Navais.

Encerrada por motivos médicos a movimentada carreira, radicado em Cuiabá (onde viria a falecer, em 1889), Soído dedicou-se aos seus escritos - sobre hidrografia, é certo, mas também àqueles outros de caráter literário, inclusive traduções – embora de fato pouco tenha publicado. Seu conhecido poema dedicado à noiva Maria Justina da Gama deixamos de reproduzir aqui porque o fez Affonso Cláudio, a cuja obra remeto o interessado.

Com sorte, eventual consulente pode localizar por aí pela internet "blogues" dedicados à literatura do Brasil central que dão o militar capixaba como o introdutor da estética romântica em Mato Grosso. Claro, sem perder de vista que o Romantismo se trata de estilo literário arcaico e elitista, diriam os literatos mais moderninhos... mas fica aqui, e a pedido, o singelo registro, a modo de tentar de alguma maneira justificar porque afinal de contas propuseram um militar para patrono de uma casa que, também na concepção mais moderninha, deveria ser voltada apenas e tão somente a profissionais da escrita, ora bolas.

O tempora...

ALGUMA BIBLIOGRAFIA:

BITTENCOURT, Gabriel A. M. Espírito Santo: alguns aspectos da Independência (1820-1824). 2.ª ed. Vitória: IHGES, 1985.

CORRÊA FILHO, Virgílio. Vultos da Geografia do Brasil: Antônio Cláudio Soído. Revista Brasileira de Geografia, Rio de Janeiro, vol. 12, n. 4, p. 589-591, out/dez 1950.

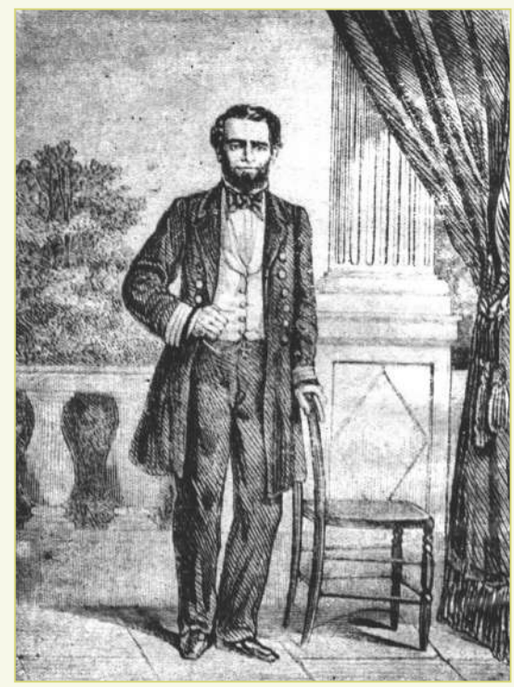
COSTA, Eurico de Figueiredo. Almirante Antônio Cláudio Soído. Periódico s/n, Cuiabá, s/d, disponível em https://drive.google.com/file/d/1THjisYPD3TK-oXgUNX9rc5c0f43nyfCc/view. Consulta em 16.10.2023.

ROZA, Afonso Cláudio de F. História da Literatura Espírito-santense. Porto: Of. Comércio do Porto, 1912.

VON LAEMMERT, Eduardo. Almanack administrativo, mercantil e industrial da Corte e província do Rio de Janeiro para o ano de 1865. Rio de Janeiro: Laemmert, 1865.

'Como homem foi um GÊNIO'

Fábio Daflon
(Cadeira 37)



Hoje, vestiria o Dinner Jacket, usado no festivo Baile da Batalha do Riachuelo, quando, nas comemorações alusivas ao Dia do Marinheiro, no Clube Naval, horas após o discurso de Membro do Almirantado, em geral, enaltecendo o Almirante Joaquim Marques Lisboa, Patrono da Marinha, acontece o baile, porque saúdo o Almirante Soído, que foi e é um oficial dos mais fidalgos da mais antiga das Forças Armadas do Brasil, da mesma geração de Tamandaré.

Tive a honra de sobre Soído, esse era o seu nome de guerra, falar em meu discurso de posse como Titular da Cadeira N. 37 da Academia Espírito-santense de Letras (AEL). Considero-o como o Leonardo Da Vinci da Marinha do Brasil, por ter sido cartógrafo, e, assim, pioneiro da Hidrografia, séculos antes de haver a Diretoria de Hidrografia e Navegação. Traçou rotas para vir a ser Chefe do Estado Maior da Divisão Naval do Rio da Prata, durante a Guerra do Paraguai. Foi inspetor de Arsenais. Galgou postos mais altos após a Guerra.

Como homem foi um gênio, como literato, esse grande capixaba, poeta e também engenheiro naval, nascido em Vitória, traduziu obras de Vitor Hugo e Byron, para tornar-se o precursor do romantismo em Mato Grosso. Na certa, ele poderia nos dizer; como Neruda: Confesso que vivi. E que vida excelsa levada no companheirismo com os mais relevantes Chefes Navais da História. Bravo Zulu, Almirante Soído. Eu, capitão de mar e guerra médico e poeta, orgulho-me de tê-lo como Patrono da Cadeira Nº 37, sendo também marinheiro.

No reino das PALAVRAS, castelã

Para melhor avaliarem a poetisa, estudiosos de nossas Letras deveriam estender seus doutos olhares e examinar toda a escritura kantiobentiana

Marcos Tavares
(Cadeira 15)

Filha de Antonio Raymundo Bento e Argentina Maria Rochetti Paresqui Bento, nasceu Katia Bento (08-09-1941) em Castelo (sul do ES). Estudo primário, fê-lo no Grupo Escolar Nestor Gomes, e, o secundário, no Colégio João Bley.

Almejando ampliar estudos, transfere-se, ainda jovem, para o Rio de Janeiro (então Estado da Guanabara), passando a cursar Enfermagem na antiga Escola Ana Nery, na Universidade do Brasil (atual UFRJ). Por certo, rendeu-lhe o curso alguma inspiração ainda que mórbida, conforme se lê na *Revista Letra* (FCAA-Ufes, 1987), às páginas 31 e 32: "Ao intestinal esgoto/junta-se o dejeto/ que a úlcera secreta//(...)", no poema "Melena". Ou ainda: "A úlcera, antes que salte/na radiografia /se fotografa no grifo/da algia//(...)", no poema "Duoden/Ais.

Ainda infanta, vivo interesse nutria por Literatura, tanto escrevendo poemas quanto se interessando, autodidaticamente, pela expressão poética. Essa dava vazão a um estilo inicial ainda lírico e subjetivo que perduraria pela adolescência, o que a fez publicar, com recursos próprios, *O Azul das Montanhas ao Longe* (poemas, 1968). Com essa estreia em livro, conhece outros jovens poetas, alguns com livros já lançados, e com eles estreita relacionamentos, passando a marcar reuniões semanais, sempre para leitura de poemas e troca de experiências. Mãos à obra catequética, em busca de prosélitos, entregou-se / integrou-se a um grupo autocognominado AdVersos. Nessa fase de "poetriz, performática", atuava em grandes *happenings* em que a leitura de poesia procurou o espaço das ruas, antecipando-se às hoje teleconhecidas declamadoras.

Inserida na ebulição cultural e ideológica dos anos 60 e 70, Kátia Bento não optou pelo verso inacabado, qual diamante em estado bruto; antes, na busca de brilho próprio, burilou-o. Cerrou fileiras como febril operária fabril. Em tempos de "poesia marginal" bradando catilinárias contra uma ditadura, se alienada às reivindicações não esteve, também não se quis meramente panfletista. Concebia o poema como arte da palavra ("ópio do ofício"). Logo, deveria ser elaborado não apenas com bons sentimentos, mas, também, com técnica. O poema é um objeto e a linguagem é a fôrma que irá moldá-lo (ou melhor: plasmá-lo). Com a problemática existencial funde-se, pois, a sua preocupação metalinguística. Versejando, quase que elabora, em metapoemas, a sua poética, a sua "profissão de fé" (cf. Bilac): "Um poema tem que ser exato /: dois e dois e quatro. / Traçado com fibra forte, / se artesanato". E rompe com o seu então grupo carioca, o AdVersos.

Uma artista não só sintonizada com a sua época, mas também contra ela insurgente, Kátia Bento, sem abdicar da arte como prioridade, pretendeu-se paladina daqueles sem voz e sem vez. Tal engajamento viabilizou-se em poema visual, ou em poema-objeto. Alguns de seus poemas-postais granjearam admiração e respeito, tal a contundente expressividade que neles há. Um deles é uma palavra de ordem muito difundida e anonimamente estampada em vários locais. Grito de alerta contra o desmatamento (em especial, o da Amazônia). Em meio aos dez sacrossantos já consagrados por Moisés, ousa ela inserir um prefixo de oposição (DES), criando, em letras bem garrafais, um nada sacrílego 11º mandamento: NÃO DESMATARÁS!

Robustecida por sucessivas opiniões, sempre positivas, e devido à excelência estética de seus poemas, que falavam por si, passou Kátia a publicar em revistas, antologias, coletâneas, suplementos e jornais literários de todo o país, e até do exterior. Verdade é que a castelense dotou dos melhores recursos estilísticos a sua escritura poética. Há nesta, conciliados, aqueles tão desejáveis conceitos poundianos: a melopeia, a logopeia e a fanopeia. Admirável é a sua adequação vocabular, a palavra certa (*le mot juste*, como a querem os franceses). Enfim, uma esteta do verso. Entre os admiradores de sua poesia perfeita, de poucas palavras, sempre esteve o poeta paranaense Paulo Leminski.

Detentora de muitos prêmios e menções especiais, algumas vezes no concorrido Prêmio Fernando Chinaglia (*Bloco de Poemas*, 1978; *Jogo da Velha*, 1980). Na revista *Escrita* (SP), emblemática dos anos 70, fez jus a publicação na antologia *Cem Poemas Brasileiros* (Ed. Vertente,1980), ali emplacando os dois melhores textos.

Entre outros títulos, Kátia Bento publicou: *Principalmente Etc.* (1972), *Bebeto Bélico* (1973), *Geração Verde* (1973), *Contrafala* (1980), *Romanceiro de Amuia* (1980) e *Bichuim* (1981).

Boa mostra de sua ímpar poemática também está na revista *Imã* (nº 5, editada por Sandra Medeiros, Rio / Vitória, 1993), e na coletânea *Poetas do Espírito Santo* (org. por Elmo Elton, 1982).

Embora assim com certo reconhecimento, merece sua obra uma reedição, talvez em único volume, e com fortuna crítica. Saiu editorialmente precária, dado o limitado parque gráfico da época, o seu melhor: *Contrafala*, uma edição bem "*pirata*", no sentido de "marginal", ou seja, à margem do mercado.

Para melhor avaliarem a poetisa, estudiosos de nossas Letras deveriam estender seus doutos olhares e examinar toda a escritura kantiobentiana, a qual merece, sobretudo, reedição livresca com melhor apuro gráfico.

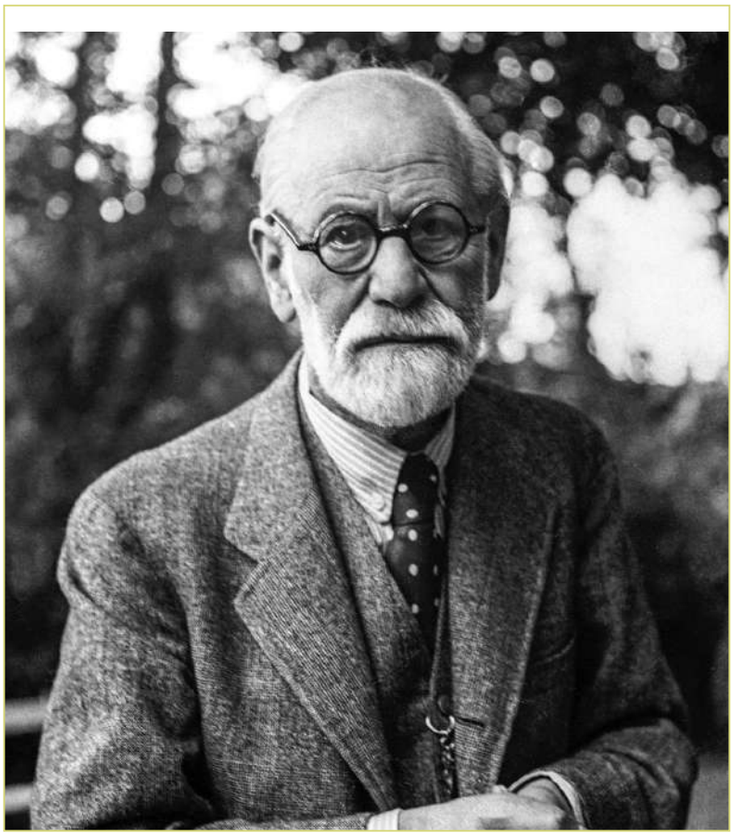
Psicanálise e LITERATURA

Freud com sua revolucionária descoberta criou um campo epistemológico específico que não se confunde com a medicina, nem com a psicologia, nem com a filosofia

Ítalo Campos
(Cadeira 31)

Freud, o médico austríaco inventor da psicanálise, afirmava que o que ele descobriu depois de anos e anos de pesquisa clínica e teórica os poetas já haviam descoberto, sem o saber, muitos séculos antes. Ou, dizendo de outro modo, os caminhos por onde passava os poetas já os havia percorrido séculos atrás.

Freud formulou e descreveu o inconsciente, lá pelos anos de 1900. Era um cientista reconhecido desde jovem como pesquisador das doenças mentais até então pouco compreendidas e rudemente tratadas e admirado pela erudição que adquirira através da leitura dos grandes clássicos desde Sófocles, Platão, até Schopenhauer e E. A. Poe. Grande parte de sua biblioteca está conservada na casa, ao mesmo tempo consultório, onde viveu seus poucos anos, em Londres. De Viena para ali mudara depois de muita resistência fugindo dos nazistas que já invadira, por mais de uma vez, a sua casa e queimara seus livros. Muito leu e muito escreveu Freud.



Foram centenas e centenas de cartas para a sua noiva onde também relatava suas descobertas psicanalíticas, para colegas pesquisadores onde trocava experiências clínicas, inúmeros artigos e ensaios que se inicia com os Estudos sobre a Histeria. Seus textos apesar de tratar de assuntos tão complexos eram elogiados pela clareza e por seu estilo peculiar em sua narrativa. Esse reconhecimento veio em forma do prêmio literário Goethe a ele concedido em 1930.

Freud com sua revolucionária descoberta criou um campo epistemológico específico que não se confunde com a medicina, nem com a psicologia, nem com a filosofia. Suas descobertas quebraram importantes paradigmas até então vigentes e por isso suas ideias foram, por muitos, rejeitadas. Ao falar do inconsciente como aquela força que nos determina, que produz nossos comportamentos.

Freud chega a conclusão de que o homem não é dono de sua própria casa, ou, o pensamento, a razão não comanda nossos atos, nossas atitudes, nosso comportamento e até, nossos sentimentos. Para ilustrar e comprovar suas teses Freud utiliza seus casos clínicos, suas reflexões e observações e utiliza também da literatura, da mitologia, do teatro, como por exemplo, a Tragédia de Édipo, A Gradiva de Jenssen, Memória de um Doente dos Nervos e outros.

O método de tratamento criado pelo inventor da psicanálise em substituição à hipnose foi o da Associação Livre, em que o paciente era orientado a falar sem pensar, sem controlar, falar tudo que lhe viesse à cabeça. Era a aposta que o pioneiro fazia no poder de cura da palavra. Ou melhor dizendo, a importância da palavra para veicular os conteúdos inconscientes como nos atos-falhos, nos esquecimentos de nomes, nos lapsos. Também Freud "lia" os sintomas. Como se tudo isso fossem informações e formações do inconsciente que, uma vez sendo traduzido, poderia promover um melhor bem-estar na vida da pessoa.

Concebendo assim o homem como um ser dividido em consciente e inconsciente e produto da civilização e da cultura nos mostra que o homem "civilizado" é produto da linguagem, dos símbolos e dos signos. Sua estrutura psíquica é como a estrutura da linguagem, é metáfora e metonímia.

Pelas colocações acima que foram uma revoada bem alta sobre a magnífica obra freudiana podemos apressadamente concluir o quanto a literatura é valorizada pela psicanálise. Seja um escritor que pode realizar suas fantasias, seus desejos, suas frustrações, criar mundos, criar maldades e bondades, matar e morrer, sem que isso necessariamente aconteça na realidade do artista escritor.

Seja também o leitor, ao ler, cria suas próprias imagens, realiza suas próprias fantasias, identifica-se com determinados personagens ou situações, experimentando as diversas sensações. Tudo isso envolve um processo psíquico chamado de sublimação, seja no autor ou no leitor pois esse também cria sua obra ao ler, promovendo um destino e um conforto às suas pulsões.

A poesia do CORAÇÃO

A poesia se entranhou, criou jurisprudência, se encheu de argumentos e "se instalou feito posseira dentro do meu coração

Jorge Elias Neto
(Cadeira 02)

A quanto dista o zelo do cientista do abuso apaixonado do poeta com a palavra? Aprendi assim, colhendo poesia no coração lúdico das pessoas; era um tempo em que desconhecia o bombear cardíaco, apesar de sentir aquela aceleração gostosa no peito - condição comum para os apaixonados platônicos de todos os tempos.

A poesia se entranhou, criou jurisprudência, se encheu de argumentos e "se instalou feito posseira dentro do meu coração." Mas a vida é mais irônica que as palavras, e não mais que de repente "o alvo do cupido" mostrou que tinha aplicabilidade prática e " regia" não só a alma.

Foi nesta pausa para estudos, em que vesti a máscara do acadêmico de medicina, que custei a reconhecer que pulsar e bombear o sangue, era a outra face, agora pragmática, e nem um pouco lúdica, que o coração usava para manter o esteta vivo.

Mas vi o coração parar e levar meu pai. E foi assim que a ponte que ligava os meus hemisférios cerebrais permitiu o diálogo entre o poeta e o médico. Somos seres múltiplos, e, assim sendo, nos é permitido o coração que transcende e o que rege o ser imanente.

O coração que contrai, bate, repica, dispara, fala, apanha e, em algum momento, se cala.

O SOL DISTORCIDO

Se bem me lembro,
no jardim dos espelhos
refugiava-se
em gozo
a alma.

(Cada detentor
desconhece o labirinto
quando guiado pela soberba.)

Se bem me lembro,
um contorno de corpos
desfeitos
consumia ópio
no horizonte possível.

(O ócio desperta apenas
as fendas dos lábios
que mentem.)

Se bem me lembro,
o luar enternecia
os errantes.

(Não se contam os dias,
não se contam as perdas;
calou-se a ternura.)

Se bem me lembro,
ocorreu-nos um sorriso
e uma flor roubada.

(Essa mecha,
esse sexo raspado,
tem lábios que pedem monstros.)

Se bem me lembro,
abençoavam-se as frestas
e as esmeraldas.

(Sorteiam-se os cristais
entre os desconhecidos
que constroem fortalezas.)

Se bem me lembro,
existia um nome,
e um conto de fadas.

(A imagem roubou do silêncio
o direito de estar só.)

Bem que me lembro
que nos olhávamos.
E isso era tudo.

Nova MÚSICA aquática

Fernando Achiamé
(Cadeira 17)

Rio Doce, quanto da tua lama
são lágrimas de quem te ama?
Valeu a pena o verso de Pessoa?
De Drummond, o aviso-poema?
Nada Vale nada se a alma é
pequena.

Reside remota esperança
nas histórias da infância.
Temas da sinfônica capixaba
prestam-se a urgentes cuidados.
Rápido reúnam músicos em
Linhares, Colatina, Baixo Guandu
para em altos brados
tocarem peças bonitas.
De nós afastarem rejeitos da
cobiça,
palavras gastas e omissas,
negligências e pesados metais.

Em Linhares toquem Villa-Lobos,
Guarnieri, Guerra Peixe
para lembrarmos nossos bisavós
vindos das matas daqui,
de terras lusas, de campos
africanos,
e que resistiram a tudo.
Resistiremos!

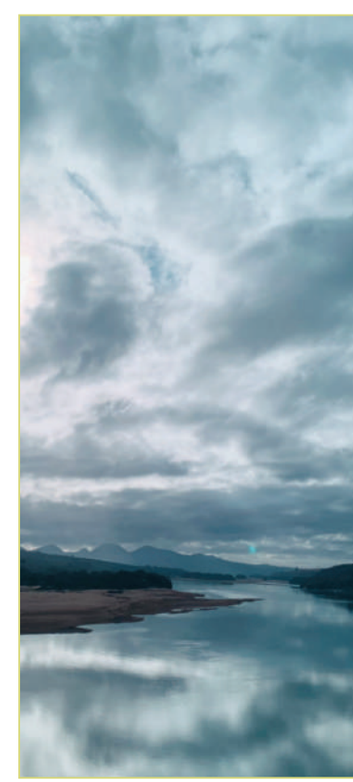
No programa em Colatina
incluam
o Concerto de Varsóvia de
Addinsell
para homenagear os bravos
poloneses
que resistiram em Águia Branca.
Também resistiremos!

Em Baixo Guandu não se
esqueçam
de Carlos Gomes, Verdi, Bach
para celebrar brasileiros,
italianos,
alemães, pomeranos
(e descendentes)
desbravadores de selvas
que nos ensinam a tudo resistir.
Sim, resistiremos!

O mundo marcou encontro no
Rio Doce.

Sons da nossa orquestra
combaterão as escórias,
percorrendo o imenso vale,
animando as pessoas
para as lutas que virão.
A chama da vida aos poucos
retornará
trazida por cordas, sopros,
percussão.
A todos chegará o apelo musical –
aos peixes mortos, às algas
desmilinguidas,
às vermelhas pedras, aos
pássaros caídos...

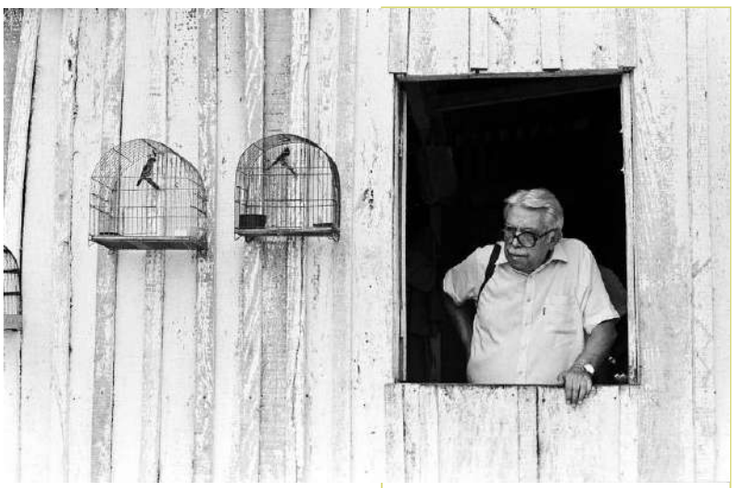
Haverá lagostins novamente
nas rochas em Mascarenhas.
Os cascudos voltarão às suas
locas
na altura de Barbados.
E em Regência Augusta, perto
do mar,
águas limpas verão de novo
pulos prateados dos robalos.
Resistiremos.
Resistiremos sempre.
Como o futuro resiste em cada
criança.



É agir agora ou NUNCA

"Sábio, anjo e criança": Augusto Ruschi pelo olhar de Rubem Braga.

Renata Bomfim
(Cadeira 07)



A destruição das florestas é um dos fatores mais determinantes para o aquecimento global, fenômeno que ameaça grandemente a biodiversidade. Proteger o remanescente das florestas tem sido uma luta inglória, mas o Brasil possui muitos exemplos de coragem que não nos deixam desistir. Uma dessas pessoas inspiradoras é capixaba e, não por acaso, é o Patrono do Meio Ambiente do Brasil.

Augusto Ruschi (1915-1986) é natural de Santa Teresa e pioneiro na luta contra o desmatamento da Amazônia. No Espírito Santo, o ambientalista travou uma batalha contra políticos e corporações em defesa da Mata Atlântica. Pesquisador respeitado nos mais altos círculos da ciência mundial, Ruschi foi responsável pela criação de várias unidades de conservação no Espírito Santo e fundou, em 1949, o Museu de Biologia Professor Mello Leitão, que hoje é administrado pelo Instituto Nacional da Mata Atlântica (INMA), vinculado ao Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação.

Augusto Ruschi não viu a questão ambiental desconectada da sociedade, ele conseguiu envolver pessoas de diferentes campos do saber na causa preservacionista, uma delas foi o escritor cachoeirense Rubem Braga (1913-1990), que era um apaixonado por pássaros e com quem desenvolveu uma amizade duradoura. As cartas trocadas entre o ambientalista e o escritor denunciaram a sanha destruidora de grupos que tinham como alvo as florestas do ES. Para Rubem Braga, Ruschi era "sábio, anjo e criança em luta (desigual) contra o homem comum e suas vãs cobiças".

O escritor relatou que no romance *Canaã*, de Graça Aranha, há um personagem antepassado de Ruschi, mas para Braga, foi o ambientalista quem "escreveu uma das belas páginas do romance", pois, "enquanto outros fabricam desertos", Ruschi promoveu a reconciliação do homem com a natureza. Ele destacou ainda que "os bandos faiscantes de seus beija-flores coloridos formam como um grande arco-íris para anunciar essa promessa de paz". Braga admirava Ruschi e utilizou, tanto a sua escrita, quanto a sua rede de relacionamentos fora do Espírito Santo, para ajudar nos assuntos do amigo.

No dia 25 de maio de 1976, Braga pediu a Ruschi informações que lhe possibilitasse embasar os seus escritos: "caso V. não tenha cópia do estudo que fez sobre a fauna e a flora, eu gostaria que me indicasse livros que me permitissem conhecer melhor o assunto, que me capacitasse a argumentar melhor em defesa das reservas". Em resposta, no dia 01 de junho, Ruschi enviou ao escritor suas pesquisas, que deram forma a um artigo publicado no jornal *Diário de Notícias*, que denunciava o que Braga chamou de "um projeto bárbaro". O escritor fez ecoar as denúncias de Ruschi sobre os impactos de uma "macabra transação", fruto de um conluio entre empresas e Governo Federal, que planejava derrubar "dezessete mil hectares de matas virgens, para extrair um milhão e trezentos e sessenta mil metros cúbicos de madeira".

Além da sanha de adquirir e explorar as reservas já criadas no ES, as companhias passaram a comprar terras de particulares, alijando "os descendentes de imigrantes" e espoliando comunidades tradicionais. O texto de Braga causou um grande incômodo, tanto que o diretor de uma dessas empresas procurou

Ruschi e afirmou "o Rubem Braga fez muito mal e trocou alhos por bugalhos em seus artigos".

Muitas informações contidas nas cartas, se transformaram em artigos e crônicas que davam visibilidade as belezas do ES, mas também desnudavam os impactos ocasionados pelas mãos dos que Braga chamou de "criadores de desertos".

Na crônica intitulada "Elefantes e seus parentes", Braga escreveu: "no Brasil dá pena e vergonha; acabamos por acabar praticamente com o próprio pau-brasil, vamos liquidando aos poucos, a ferro e fogo, tudo quanto é raça de planta ou bicho do mato". Em alguns momentos Braga se tornou porta-voz do ambientalista: "Ruschi avisa que 200 espécies da nossa fauna e cerca de 300 da nossa flora já desapareceram para sempre. Milhares de outras estão em extinção. É reagir agora ou nunca".

Esse texto, singela homenagem a esses dois grandes capixabas, também faz ecoar esse grito de alerta: é agir agora ou nunca!

Dedico à memória de meu pai, Marcus Antônio Carvalho Bomfim, com amor e saudade.

A casa VERDE

Localizada na Praça João Climaco, a Casa Kosciuszko Leão Barbosa sedia a centenária AEL

Romulo Felippe (Cadeira 09)

No outeiro histórico da Cidade Alta, bem no coração de Vitória – a poucos passos do complexo portuário – repousam alguns dos patrimônios arquitetônicos mais importantes do Espírito Santo. Obras como o Palácio Anchieta, o antigo casarão que sediará em pouco tempo o Instituto Histórico e Geográfico, o Teatro Sônia Cabral, a Biblioteca Municipal Adelpho Poli Monjardim e, entre outros imóveis carregados de historicidade, a Catedral de São Pedro.

Mas há, entre eles, um palacete pintado de verde oliva e telhado vistoso que remete à arquitetura colonial. Praticamente janela a janela do palácio governamental. Trata-se da sede da Academia Espírito-santense de Letras, um casario imponente que pulsa vívido como uma espécie de coração da literatura capixaba (quiçá nacional e internacional).

Mensalmente, os acadêmicos (são quarenta, no total) reúnem-se em seu salão oval compartilhando conhecimento e buscando soluções culturais. E é aqui que homenagens póstumas são feitas, assim como assembleias que unem confrades e confreiras para a escolha do 'neoacadêmico'. Mais importante: a sede da AEL é aberta a visitas, devidamente programadas. Tornou-se comum a acolhida de estudantes.

Em 1979 o palacete foi doado para a Academia por um dos seus mais brilhantes membros: o professor e advogado Kosciuszko Barbosa Leão, que ocupou a cadeira 36. Uma prova irrefutável de amor pela entidade. Foi emocionante o seu discurso na solenidade de doação, já em fim de vida.

"É, de um lado, um ato cuja celebração constitui o fim que ora aqui nos reúne – a doação à nossa excelsa Academia de Letras, desta casa, objeto de grande estima, particularmente na parte que, durante muitos anos, foi o meu lar espiritual e meu santuário, onde tanto vivi em sentimento e pensamento, rezando as minhas comovidas orações de culto da beleza e das ideias. É, de outro lado, a situação psicológica inerente à minha idade e reanimada nesta celebração. A velhice é a última estação que a alma faz na peregrinação para o seu destino na terra", dissera.

E foi além: "nesta doação, feita nos últimos dias de minha vida, eu sinto que há um pouco de despedida. Nela, todavia, existe, para mim, um contraste de sentimentos, a alegria de uma renascença. Parece que vou viver de novo, pelo convívio, que nunca tive, com os meus doutos confrades, convívio propiciado pela circunstância da vizinhança, que a doação estabelece", afirmara Kosciuszko.

A doação ocorreu na presidência de Nelson Abel de Almeida. "Desejo agora definir esta doação como um símbolo material de uma doação moral. Decidi doar minha casa à nossa Academia de Letras, porque já lhe havia doado o coração. E devo assinalar que não é maior em mim do que na minha santa companheira, o entusiasmo com que é restada essa homenagem", completara.

Hoje oficialmente conhecida como Casa Kosciuszko Barbosa Leão, em homenagem ao seu imortal e doador, a sede da Academia de Letras reúne livros preciosos em sua biblioteca, quadros de personagens da nossa cultura e ricos detalhes arquitetônicos, como a escada entalhada em madeira nobre. Há uma poderosa energia literária que vibra entre suas grossas paredes, nascida dos cerca de duzentos acadêmicos que já passaram ou que por aqui estão. Entrar por sua porta aé como transportar-se literalmente na roda do tempo.

BOAS-VINDAS

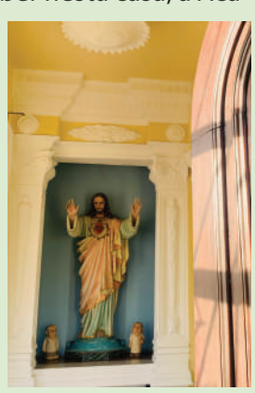
O salão oval que recebe o visitante é precedido por duas colunas de estilo grego. Há uma imensa janela com vista para o Palácio Anchieta. O piso de tacos tem desenho quádruplo. A escada é de madeira trabalhada por hábil carpinteiro, assim como a imensa porta principal. Vários quadros e fotografias antigas enfeitam as grossas paredes e, entre os quadros expostos, estão o de Laura Nadeira de Freitas Leão, esposa de Kosciuszko, e Judith Leão Castelo, sobrinha do doador do palacete (e primeira mulher a entrar nas fileiras da centenária Academia Espírito-santense de Letras).

ENTRE LIVROS

A Biblioteca Saul de Navarro é uma pérola guardada a sete chaves na Casa Verde. O nome é uma homenagem ao primeiro ocupante da Cadeira 04 – que, na verdade, era o pseudônimo de Álvaro Henrique Moreira de Souza, nascido em Santa Leopoldina, em 9 de novembro de 1890. Era filho de Custódio Moreira de Souza, médico e poeta baiano, e de Maria Amélia Pedreira de Souza. Com todas as lutas culturais possíveis, a biblioteca possui cerca de 10 mil livros, sendo a metade do acervo com obras de autores capixabas. Destacam-se exemplares dos pioneiros Afonso Cláudio, Saul de Navarro, Elpidio Pimentel e Garcia de Resende.

JESUS E OS BRAGA

Logo que entra no palacete, o visitante depara-se com uma linda imagem de Jesus Cristo, uma escultura religiosa com mais de meio século. Ladeando o Mestre estão pequenas esculturas dos irmãos Braga (o cronista Rubem e o poeta Newton) – obras da artesã cachoeirense Gracinha Sabadini. Kosciuszko dissera no pronunciamento durante a doação: "há um coração maior que os de todos nós, a receber nesta casa, a Academia de Letras como sua dona: é o Coração de Jesus, exposto sobre o peito de sua imagem, que, em seu altar no pórtico desta sua nova morada, aí lhe estende os braços, abertos para estreitá-la com amor, abençoá-la com sua graça e lhe garantir com segurança toda felicidade"



BUSTO

O salão que abriga as reuniões mensais da AEL é coroado com o busto de bronze do imortal Kosciuszko Barbosa Leão, o primeiro ocupante da Cadeira 36. Nasceu em Santa Cruz, ES, em 12 de setembro de 1889. Bacharel pela Faculdade de Direito do Rio de Janeiro. Advogou nas comarcas de São Pedro de Itabapoana, São José do Calçado, Anchieta e Vitória. Jornalista militante, professor catedrático e autor de diversos livros. Curiosidade: durante a pandemia os bustos de Kosciuszko e Saul Navarro foram furtados. Apenas o primeiro foi recuperado.

Os 102 anos da AEL

No aniversário da AEL, estudantes são premiados nas categorias crônicas e poesias

Jonas Reis
(Cadeira 10)

Em evento realizado no Teatro Sonia Cabral, em Vitória, a Academia Espírito-santense de Letras promoveu a premiação dos estudantes vencedores do Concurso de Crônicas Jeanne Billich e de Poesias Miguel Marvilla. Participaram dos concursos estudantes de 17 escolas da rede pública estadual, que apresentaram 79 trabalhos ao concurso de crônicas e 96 poemas ao concurso de poesia.

A premiação foi parte das comemorações dos 102 anos de fundação da Academia Espírito-santense de Letras, que contaram, na mesma noite, com show da cantora Elaine Rowena e convidados. A solenidade foi dirigida pela presidente da Academia, Esther Abreu Vieira de Oliveira, e a Sedu foi representada no evento pelo assessor Johan Wolfgang, que fez parte da mesa. Também compondo a mesa do evento, o ex-governador Vitor Buaiz e o vice-presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo João Gualberto Vasconcellos.

A estudante Luiza de Almeida Alves, pessoa com deficiência auditiva, recebeu menção honrosa por sua participação no concurso de poesia. Levou para casa certificado, medalha, livros e revistas oferecidos pela Academia, sendo muito aplaudida durante o evento. Outra estudante contemplada com menção honrosa foi a estudante Rúbia Fim Rodrigues, da Escola Bráulio Franco, de Muniz Freire, que também compareceu ao evento com familiares e representantes da escola.

Terceira colocada no concurso de poesia, também foi premiada a estudante Thaylla Santos Gonçalves, da Escola Sobradinho, de São José do Sobradinho, em Boa Esperança. Ela participou com o poema O jardim encantado e também recebeu medalha, certificado e publicações da Academia. Em segundo lugar nesse prêmio ficou Alexandre Wilian Rodrigues Almeida, da Escola Ewerton Montenegro Guimarães, de Viana, com o poema Versos alados – a poesia que ecoa no coração.

Heloisa Matias Bravim, da Escola Victório Bravim, de Araguaia, Marechal Floriano, recebeu a mesma premiação por sua segunda colocação no concurso de crônicas, com seu trabalho Um dia no sítio. E a grande campeã da noite, Luisa Vieira Milagre, primeiro lugar em crônicas, além do certificado, medalha e publicações, recebeu um prêmio de R$ 1 mil em dinheiro. Luisa é estudante da Escola Professora Aldy Soares Merçon Vargas, de Conceição de Castelo. Sua crônica O lugar onde vivo impressionou a comissão da Academia que julgou os trabalhos.

Noite de auditório lotado no Sonia Cabral.
Crédito: Clóvis Louzada.

Alguns dos acadêmicos presentes na noite festiva.
Foto: Clóvis Louzada.

"O LUGAR ONDE VIVO"

1° Concurso de crônicas Jeanne Billich – AEL.
1º lugar: Luisa Vieira Milagre

Permita-me contar sobre o lugar que chamo de lar: Conceição de Castelo, uma cidadezinha no interior do Espírito Santo. O tempo parece desacelerar entre suas ruas de paralelepípedos e casinhas, onde as histórias ganham vida. O sol nasce por trás dos picos, pintando o céu com tons de rosa e dourado, enquanto a cidade desperta aos poucos.

A antiga igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição ergue-se como uma guardiã das memórias. Na Praça Central, o coração de nossa comunidade, as crianças brincam, e os adultos trocam assuntos e contam casos, como se o tempo nunca tivesse avançado. As montanhas que cercam a cidade são testemunhas silenciosas das histórias que se desenrolam ao longo dos anos.

Os mais velhos lembram dos tempos em que a agricultura era a base da economia local, enquanto os jovens olham para o futuro com esperança, buscando uma nova forma de sustento que respeite a tradição e a natureza. Nas tardes quentes, as cachoeiras e os riachos convidam os moradores a mergulhar em suas águas cristalinas, proporcionando momentos de lazer e criando memórias.

Aqui, todos nós nos divertimos juntos, é como uma grande família unida, nossas festas são momentos de celebração e alegria. A Festa do Sanfoneiro com seu animado concurso de sanfona traz música e dança, ninguém por aqui perde! Já a Portugália nos conecta com nossas origens e fortalece nossos laços com a nossa herança cultural. À medida que o sol se põe atrás da colina, a quietude da noite envolve a cidade. O céu estrelado fica mais próximo, como se os segredos do universo fossem sussurrados a quem se dispõe a ouvir.

Ruas vazias contam histórias de paixões, encontros e desencontros, enquanto as luzes das casas se apagam uma a uma. A cidade é um testemunho vivo da força das tradições e da importância de preservar a essência de um lugar mesmo com as transformações do mundo moderno. Tenho a sorte de chamar este lugar de meu lar e sempre serei grata por dizer que aqui é "o lugar onde vivo".

A estudante Luisa Vieira Milagre.
Foto: Clóvis Louzada.

O Som da LIBERDADE

Após assistir ao filme fiquei engasgada, com a história cruel das crianças sequestradas

Wanda Maria Alckmin
(Cadeira 30)

(Após assistir ao filme " O Som da Liberdade", fiquei engasgada com a história cruel das crianças sequestradas. Todo o tempo elas voltavam à minha mente e ao meu coração. E ficaram se debatendo por dias. Até que em uma madrugada, a escrita veio me trazer a esperança, e eu aliada à ela, pude dar a liberdade àquelas crianças que estavam dentro de mim. O Som delas me despertou, e eu as ajudei no caminho para casa, semeando letras, formando palavras. A escrita se tornou também para mim o Som da Liberdade).

Ouço um som… uma música… A Liberdade está na letra da canção. Está no ritmo, na batida, no pulsar do coração. E quem canta? É uma criança? E quem está a chorar? Quem é esta criança que vivencia o medo e a solidão? Na surdina, na mentira, nos falsos agrados, olhares, bocas e mãos agem juntas no sequestro de milhares, de milhões de crianças por este mundo afora.

Quem foi que viu o último instante da infância desta criança sequestrada? Em que retina, em qual pupila o seu último momento ficou guardado? Me diga!!! Quem foi que arquitetou essa maldade e conseguiu realizar este plano cruel? Qual foi a última cena que este pequeno guardou dentro de si, antes que essas mãos doentes o roubasse de sua realidade feliz? Em que segundo da vida ficou congelada a inocência desta criança? Que hora? Que dia? Que mês? Que ano? Ah… tortura na realidade de muitos pais. Algum maldito a roubou…

Quem foi este ser doente que a tirou? Qual foi esse ser sem alma que a sequestrou na calçada, na rodoviária, na saída ou entrada da escola, na rua, na estrada, ou dentro de um hospital? Onde se escondem vocês, seus malditos traficantes de crianças? Onde vocês se reúnem e arquitetam seus malditos planos, assassinos de crianças vivas? Para qual país, para qual lugar do mundo, vocês a mandaram? Por detrás de qual roupa, de qual rosto, de qual corpo, você vive a sua doença e a sua infelicidade? Onde você esconde a sua maldade, e a sua pequenez?

Ah… ser das trevas, sinto de longe o seu cheiro, pois quem faz este tipo de escolha há muito já deixou de ser filho de Deus, e tem um cheiro diferente dos humanos. Mas você nem está aí para nada, não é mesmo? Mas eu estou. E muitos, e milhões também estão trabalhando para o resgate destas crianças!!! Aguarde! Tudo tem o seu tempo! Tempo de ficar às escondidas e tempo de vir à luz. Deixem em paz as nossas crianças, os inocentes deste nosso planeta azul. Elas tem pais, sabiam? Tem avós, tem irmãos, pessoas que as amam e as querem ver crescer no futuro que sonharam melhor para elas. Crianças são filhos, sabiam? E filhos tem um pertencimento. Pertencem aos seus pais, aos seus genitores.

"As crianças de Deus não estão à venda!!!" Não podem ser roubadas e nem vendidas!! Elas tem sonhos, são seres inocentes, e querem viver, brincar como todas as crianças. Elas querem ter amigos, querem sorrir e chorar com os acontecimentos normais da vida. A escuridão, a podridão tomou posse na alma do pedófilo, do abusador, e de todos os que trabalham com o maldito tráfico e venda dos pequeninos.

Mas saibam que homens guerreiros existem, e trabalham numa busca constante para o resgate dessas crianças. E, ó céus, quando isso acontece!!! Ó benção, quando uma criança é encontrada e devolvida ao seu lar. Ó alegria, que invade os familiares quando os seus olhos se cruzam depois de tanto tempo de afastamento!!! Ó instante, abençoado!!! Ó instante bendito, e tão esperado!!! Quantas emoções devem vir a tona quando esses olhos familiares se fitam. Essas pupilas devem se expandir. Ah… devem sim!! E estes corações devem bater mais forte que os sinos das maiores catedrais.

Penso eu, que tsunamis de sentimentos chegam a flor da pele deles. Ó gratidão à vocês agentes do FBI, policiais, homens civis que lutam neste ideal!! Seja quem for você, nossos agradecimentos e nossas orações eternas. Vocês que salvam essas crianças, não salvam só as vidas delas, vocês salvam suas histórias, salvam seus sentimentos, salvam e curam ao mesmo tempo à eles e às suas famílias. Este elo feito com vocês e as crianças, nunca mais será dissolvido. Este elo é a ponte da libertação, é o patamar da liberdade. Vocês salvam além da família inteira, vocês salvam também a nós, que rezamos e torcemos para este mal se extinguir.

Ah!!! Guardiões dessas crianças, benditos sejam vocês!!! Mil vezes benditos sejam!!! De repente o sol começa a nascer de mansinho… Eu o percebo pintando o céu bem devagarinho… Dobro os meus joelhos, oro e choro. Peço a Deus em minha prece: -Senhor, cuida dessas crianças, milhões ainda estão desaparecidas. Faça o sol também surgir para elas. Vai pintando a esperança tom a tom em seus olhos, e em seus coraçõezinhos. Leve-as para casa, Senhor!!! Misericórdia, Pai!!! Coloque essas crianças debaixo dos olhos de seus pais outra vez. Pai Amado, cure a dor dessas crianças, dissipa as lembranças, colore outra vez os seus sonhos, tire as marcas dos seus corpinhos, das suas mentes, e dos seus corações. Faça com que eles voltem ao Senhor, em sorrisos, sonhos, confiança, fé e amor.

Pai, ajude para que haja maior número desses seres envolvidos nos resgates dessas crianças, e que a vitória venha habitar sempre em suas missões. Proteja-os Pai, dando-lhes inteligência, sagacidade, ação rápida em suas estratégias de resgates. "Crianças são crianças!! Para elas sempre a terra, o sol, a lua, o dia, a noite, as estrelas, os cometas, os astros, a atmosfera, a natureza, a água, o fogo, o amor, o alimento, a beleza, a saúde, a alegria, a música, a dança, a arte … e tudo mais. Criança, para você sempre a sua família e o seu lar!

Foto: Divulgação.

E o DC-3 não voltou...

O dia 19 de dezembro de 1949 ficou marcado na história da aviação do Espírito Santo como o do primeiro acidente aéreo com avião comercial

Álvaro José Silva
(Cadeira 14)

E o avião não voltou! E nem jamais foi encontrado.

O dia 19 de dezembro de 1949 ficou marcado na história da aviação do Espírito Santo como o do primeiro acidente aéreo com avião comercial. O Douglas DC-3 da Aerovias Brasil de prefixo PP-AXG decolou do aeroporto de Goiabeiras com o comandante Carlos Gomes Rego na cabine. Ele queria testar o motor que havia sido trocado no dia anterior, pois a aeronave pousara em Vitória alguns dias antes com um motor quebrado.

O tempo estava nublado, fechado. O gerente regional da Aerovias no Espirito Santo, Nelson de Albuquerque Silva – meu pai -, tentou demover o comandante do intento porque a visibilidade era péssima. Não conseguiu. Então impediu que as duas comissárias embarcassem. O avião decolou com o comandante a bordo, o copiloto Luiz Carlos Machado Guterrez, o rádio operador José Egídio Amaral e o mecânico Virgílio Predilano Andrade, além de mais três curiosos que pediram para irem juntos e foram autorizados. Ninguém jamais foi encontrado, nem o avião.

Nelson explicou um dia: "Ele ia fazer só um "torno de pista" – voar em torno da pista - para garantir que estava tudo bem. Na volta pegaria os passageiros e as comissárias. Acho que o Predilano se esqueceu de calibrar o altímetro depois do reparo. Sem visibilidade o comandante deve ter tentado "furar" as nuvens – ultrapassar para ver o mar – por baixo, a altitude foi mostrada erradamente no altímetro e o DC-3 bateu com tudo contra o oceano. Desceu direto, sem quebrar. Eu voei mais de 30 horas procurando por eles. Nada. Nem uma única e miserável mancha de óleo a gente viu. O fundo do mar nas proximidades de Jacaraípe, naquela região, é lodoso. Acredito que o avião tenha sido tragado pelo fundo do mar. Uma bela sepultura para todos..."

A Aerovias Brasil, paixão do velho Nelson que tinha o apelido de Calado porque falava pelos covovelos, havia sido a primeira empresa aérea do Brasil a voar do Rio de Janeiro para os Estados Unidos, primeiro com um venerando Lochheed-14 ostentando uma bandeira do Brasil pintada na cauda dupla e depois com os Douglas DC-3. Por último ainda usou o Douglas DC-4, que tinha muito mais autonomia. Muitas escalas e um pernoite em Belém do Pará para os passageiros que se aventuravam por mais de 40 horas de viagem.

Naquele 19 de dezembro o comandante Rego não queria perder o Natal no Rio de Janeiro, onde morava com a mulher e tinha um filho muito pequeno e apegado a ele. Nelson havia retornado do Rio poucos meses antes, para onde viajara com esse mesmo comandante para o lançamento de um selo comemorativo da 1ª Demonstração Filatélica Mundial que homenageava sua empresa aérea. Mandou fazer uma folha de rosto para colocar o selo e imprimiu a arara estilizada, linda logomarca da Aerovias, a cores. Acredito que o único exemplar desse selo e impresso é o que tenho comigo emoldurado.

Posteriormente, em 09 de maio de 1962, um Convair 240 da Cruzeiro do Sul com 26 pessoas a bordo bateu contra o chão em erro de aproximação e matou 23 delas. Morreu no acidente Fábio Rusch, que durante muito tempo deu nome ao edifício que era sede da Vale do Rio Doce, no Centro. Nunca mais houve acidente aéreo com avião comercial no aeroporto de Vitória.

O velho Nelson viveu para ver uma aviação nova, moderna e na qual esse tipo de ocorrência não é possível. O avião de hoje voa por satélite, tem aviônicos de última geração e oferece segurança que nenhum outro meio de transporte á capaz de entregar aos seus passageiros e tripulantes.

Um belo dia estava eu no agora inexistente Caranguejão, em Carapina, um clube onde íamos jogar futebol aos sábados e conversava algumas pessoas, inclusive um médico ginecologista e obstetra que frequentava o local. Comecei a falar sobre aviação e o acidente do o AXG. Disse que o comandante Rego era amigo de papai e pilotava o avião desaparecido e jamais localizado. Então ele interferiu na conversava, um tanto emocionado:

- Eu sou Carlos Fernando Gome do Rego, o filho do comandante. Depois de adulto prestei vestibular de medicina na Emescam, passei e vim morar em Vitória. Me formei, me casei com um capixaba e fiquei por aqui. Nunca imaginei que dois filhos dos personagens se encontrariam, principalmente num clube de peladas, tomando cerveja e comendo churrasco.

São as voltas que as rotas aéreas dão e nos surpreendem a todos...

Trinta anos de AEL

Fui levado à AEL pelas mãos dos queridos amigos Renato Pacheco e Miguel Depes Tallon, que me convidaram a concorrer à vaga da cadeira 06

Francisco Aurelio Ribeiro
(Presidente de Honra da AEL)

Tomei posse na AEL, no dia 13 de dezembro de 1993, no auditório do CCHN, da Ufes, com a presença do Reitor, do Vice e de colegas do Departamento de Letras. Fui levado à AEL pelas mãos dos queridos amigos Renato Pacheco e Miguel Depes Tallon, que me convidaram a concorrer à vaga da cadeira 6, deixada pelo saudoso professor Alberto Stange. Quem me deu posse foi o ex-governador do ES, Cristiano Dias Lopes, que presidia a AEL, e tinha sucedido o Dr. José Moysés.

No ano anterior, eu tinha sido escolhido para ser o Secretário de Produção e Difusão Cultural da Ufes pelo Reitor Prof. Roberto Penedo, e dentre os vários parceiros que buscamos em nossa administração, naquele momento difícil por que passávamos, após o desmantelamento cultural provocado pelo execrável Collor de Melo, estava a AEL. Dr. José Moysés era um gentleman, e com ele estabelecemos parcerias para publicação de livros e participação em concursos literários. Nessa ocasião, conheci também o médico Carlos de Campos, bom sonetista, e Ormando Moraes, memorialista e romancista. Guardo boas lembranças de todos eles.

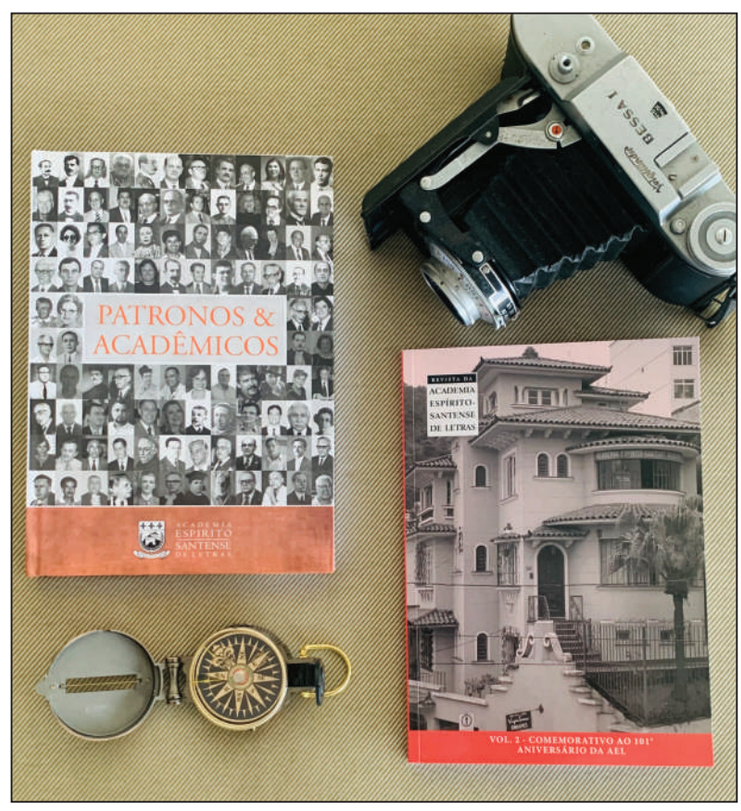
Durante cinco anos, não estive muito presente às reuniões da AEL, pois, após o meu mandato de Secretário de Cultura, de 1992 a 1996, fui coordenador do Programa de Pós-graduação em Letras, de 1997 a 1998. Foram anos de muita aprendizagem de gestão, pois até então, só tinha sido professor. Em 1998, após o mandato do Dr. Romulo Sales de Sá, meus companheiros de AEL resolveram me eleger para Presidente, que relutei em aceitar, pois a AEL estava passando por um momento difícil, com enorme dívida com a PMV, por não pagar o IPTU de nossa sede, e havia sido estabelecida a contribuição anual do acadêmico, rejeitada por muitos. Até hoje, a metade dos acadêmicos não paga a anuidade, única renda que a AEL dispõe para pagar as taxas de água, luz, faxinas e material de limpeza, dificultando a vida de qualquer administrador.

Em nossa primeira gestão, tivemos Da. Maria Helena Teixeira e o Prof. Aylton Bermudes como Vices e eles foram essenciais para efetuarmos acordo com a PMV e reduzirmos a dívida, quase 30 mil, na época, e a quitarmos, dividindo-a em prestações, todas pagas com muito sacrifício. Quitada a dívida, resolvemos as pendências jurídicas e pudemos fazer convênios com órgãos públicos e privados, inclusive com a própria PMV, nossa principal parceira desde então. Por meio da Lei Rubem Braga, publicamos livros, a nossa Revista, fizemos a restauração do telhado e pintamos o nosso prédio, além da higienização, classificação e catalogação de cerca de cinco mil livros de nossa biblioteca Saul de Navarro.

A recuperação da Biblioteca Saul de Navarro foi um dos nossos primeiros objetivos. Quando assumimos, ela era um depósito de livros e de diários oficiais, entulhada, sem qualquer possibilidade de acesso. Levamos anos para torná-la uma biblioteca utilizável, comprando equipamentos, estantes adequadas e catalogando os livros. Para isso, tivemos a importante parceria com o Departamento de Biblioteconomia da Ufes, primeiro com a professora Alzinete e seus alunos, que fizeram dela local de estágio e, depois, a Profª Isabel Louzada, que foi contratada para higienizar, classificar e catalogar os livros da coleção capixaba. Infelizmente, esse trabalho foi perdido, em 2021, pelo furto do computador, onde estava a memória de nossa biblioteca.

Também em 1998, começamos a publicação de nossa Revista, que se mantém até os dias atuais. Nesses vinte e cinco anos, em que sou o editor da Revista, publicamos 28 números, com alguns números especiais referentes aos 90 e 100 anos da AEL. Não conseguia entender como uma Academia de Letras só tinha publicado uma Revista, em 1991, quando fez 70 anos, na gestão do Dr. José Moysés.

Espero que, daqui para frente, quando não estarei mais à frente de nossa Revista, ela continue sendo publicada, com o mesmo empenho com que a fizemos nestes 25 anos. Saúdo, também, a criação de uma nova Revista, mais literária e menos acadêmica, a *Folha Literária*, editada pelas mãos hábeis e sensíveis do novel acadêmico Romulo Felippe. Vida longa à AEL e à sua nova revista.



O último concerto em PARIS

Assim vivi a jornada do maior pianista brasileiro de todos os tempos

Maria das Graças Silva Neves
(Cadeira 23)

Em 1970, fui realizar meu sonho de concluir o meu curso de piano no Rio de Janeiro.

Eu passei a frequentar as Salas de Concertos, no desejo de aperfeiçoar meus conhecimentos musicais, assistindo grandes intérpretes. Um tempo único em minha vida! Foi quando em 1971, na Sala Cecília Meireles, tive a oportunidade de ouvir Nelson Freire pela primeira vez; o que muito me encantou. Eu vi e senti as emoções do artista, com toques mágicos e de extrema sensibilidade.

O meu desejo era ter a oportunidade de estar "côte à côte" com ele, para me tornar conhecida; mas o pianista não iria dar importância ao meu cumprimento de "felicitação" pois era mais um... no seu camarim havia uma fila enorme para cumprimentá-lo, eu decidi partir. E anos mais tarde, de retorno às minhas origens, com três graduações, curso de aperfeiçoamento e especialização, passei a me dedicar de corpo e alma, a arte mais sublime - a música - Fundei uma Escola de Música, o CMVL- Centro Musical Villa Lobos, que perdurou durante trinta e cinco anos ininterruptos no bairro Praia do Canto.

Sonhos e sonhos foram concretizados, mas com ousadias, desafios, obstáculos, que me fortaleceram e hoje abro o livro de memórias, com total respeito pelo que pude realizar em prol da cultura no Espírito Santo! Muitos foram os acontecimentos, organizados e realizados com fé, que batiam à nossa porta, como por acaso da vida... Um episódio inusitado se passou por meio da pianista Nise Obino, ex-professora de Nelson Freire, que estando em Vitória a meu convite para jurada de um dos Concursos Nacionais Villa-Lobos, ligou intimando Nelsinho, como o chamava na intimidade, para retornar ao Espírito Santo.

Eu não posso me deter aos detalhes, mas ele voltou em 12 de dezembro de 1991, depois de cinco anos de ausência; cumprindo a promessa que fez. O Recital realizou-se pleno de êxito! O público vibrou e a alma do artista ascendeu pleno de amor por nossa ilha... Foi o primeiro projeto aprovado pela Lei Rubem Braga, recém-criada pela Prefeitura Municipal de Vitória, por meio da Secretaria Municipal de Cultura. A partir desse ano, tivemos laços de amizade verdadeira.

Nelson Freire retornou à Vitória inúmeras vezes, inclusive comemorando seus 50 anos, 60 anos de vida e os 25 anos de fundação do CMVL e em outras ocasiões. Em 1995, a ACRIS, a nossa Associação, foi contemplada pelo MINC - Ministério da Cultura, Lei Rouanet, para realizar o projeto "A ARTE MAIOR NOS DEDOS DE NELSON FREIRE" em sete Estados Brasileiros. O que ocorreu brilhantemente nas cidades de Belém, São Luiz, Recife, Fortaleza, João Pessoa, Aracajú e Vitória.

O meu ego explodiu de contentamento, pela oportunidade de estar "lado a lado" de um talento que muito me ensinou durante os quinze dias que passamos juntos. Cada Recital, tendo o mesmo programa, me transmitia enorme aprendizado, informações pianísticas incríveis... uma gama de emoções!

E em 1997, repetindo o efeito do grandioso projeto, a nossa Associação promoveu mais uma vez com o patrocínio do MINC, no Estado de Minas Gerais, Recitais de Nelson nas cidades históricas de Sabará, Ouro Preto, Diamantina e encerrando em Vitória.

Eu ainda guardo no meu baú de memórias a carta escrita por ele a mão, agradecendo pela organização da "tournée" de maneira carinhosa, e a partir de então, não deixei mais de acompanhar Nelson Freire. Eu estive presente em muitos dos seus concertos dentro e fora do Brasil; no Teatro Municipal do Rio, na Grande Sala e no Teatro Municipal de São Paulo, curiosamente, integrante de um grupo de mulheres, que eu apelidei de "Nelsetes" - as incontestáveis admiradoras e eternas companheiras do artista. As amantes platonicamente, como Pepita Rodriguez, Rosana Martins, Gloria Guerra, Olga Praguer Coelho, Sonia Goulart, Cesarino Riso, Myrian Dauelsberg, Eu e outras que já não me lembro mais os nomes.

Na década de 2000, Nelson estava em plena ascensão na Europa e o seu prestígio crescia cada vez mais, com os pés e as mãos no mundo artístico musical. A imprensa o chamava de "Leão do Teclado" e eu continuava a vislumbrar o seu sucesso!

Relembrando os inexplicáveis momentos que Deus me concedeu, vi e ouvi Nelson na Salle Gaveau, Salle Pleyel, Theatro Châtelet, Theatro Champs Elysées e na Philarmonie de Paris inúmeras vezes, mas numa dessas noites gloriosas, em abril de 2019, chorei e meu coração palpitava silenciosamente no interior do meu corpo ao ouvi-lo tocar o concerto n.2 de Chopin com a orquestra Filarmônica da Radio de França, sob a regência de Mikko Franck. Me debrucei e escrevi...

A expectativa do público invadia o espaço e não se ouvia um mosquito voar... somente os componentes da orquestra que estavam no palco afinando seus instrumentos.

Nelson Freire entra no palco, seguido pelo regente ao mesmo tempo e o público aplaudia incessantemente antes mesmo que soasse o primeiro acorde. O ambiente

foi envolvido por um efeito místico, fazendo fluir nos diversos planos a riqueza de

timbres da obra executada com alma chopiniana, ricamente elaborada com matizes,

interligada à sua performance. Maestria e simplicidade, Nelson deixa o palco sob o

delírio da plateia parisiense.

Os aplausos ressoaram longínquos desde o plano torre ao plano "par terre" da Filarmonia de Paris, por muitos e muitos minutos, que pareciam intermináveis alçados às culminâncias da glória musical. O silêncio invadiu a grande sala e fui ao camarim cumprimentá-lo. A fila não existia mais pra mim, eu era a conhecida e privilegiada de ser abraçada em meio a tanta gente pelo maior pianista brasileiro de todos os tempos. Era o Adeus pra mim e pra muitos. Foi o seu último Concerto em Paris.

Nelson Freire será eterno!

Nelson Freire e Gracinha Neves (da AEL)

O julgamento de ARARIBOIA

Antes de julgar Arariboia é preciso lembrar que embora ele tenha caminhado sobre o mesmo chão que pisamos hoje, em seu tempo as pessoas comiam os inimigos que matavam

Jonas Reis
(Cadeira 10)

Homenagem ao Arariboia na capital capixaba.

Eu sei. O anacronismo consiste em utilizar os conceitos e ideias de uma época para analisar os fatos de outro tempo. Assim, antes de julgar Arariboia é preciso lembrar que embora ele tenha caminhado sobre o mesmo chão que pisamos hoje, em seu tempo as pessoas comiam os inimigos que matavam.

No princípio era o paraíso. O livro de Rafael Freitas da Silva conta que ao chegarem à capitania do Espírito Santo, em 1535, os primeiros portugueses acharam a terra muito boa e rica. "As florestas eram aromáticas, abundavam os pastos para o gado, existiam frutas doces de espécies variadas, a baía e o rio eram abundantes de peixes e nas enseadas e lagunas podia-se apanhar o peixe-boi, cuja carne era igual a da vaca". Mais tarde, em 1551, o padre jesuíta Afonso Brás aportou aqui e descreveu o mesmo cenário, "demonstrou encantamento pelo Espírito Santo ao afirmar que aquela terra era 'a melhor e mais fértil de todo o Brasil'".

Ocorre que o instável donatário Vasco Fernandes Coutinho desaparecia por longos períodos, deixando a capitania desgovernada. E quem ele havia trazido para cá? "Eram apenas sessenta pessoas, em sua maioria condenados por roubo e assassinato" em Portugal. Na ausência do donatário, essa gente aprontava. Os goitacazes, que desde o princípio se opuseram à colonização, passaram a ser perseguidos e escravizados pelos criminosos portugueses e revidavam, destruíam as construções e plantações dos brancos e a terra estava "quase perdida por discórdias e desvarios dos homens (portugueses)".

No Rio de Janeiro os portugueses tinham dificuldade de defender sua capitania da investida dos franceses. Mas tiveram mais sorte, porque ao se aliarem aos índios tupinambás/tamoios, os franceses atraíram a oposição dos inimigos dessa tribo, os maracajás/temiminós, a tribo do jovem Arariboia, que se aliou aos portugueses para sobreviver. Mas quando as coisas ficaram difíceis por lá, os maracajás pediram ajuda a Vasco Fernandes Coutinho, que os trouxe para o Espírito Santo. Mais tarde, com Arariboia já adulto e reconhecido como importante liderança pelos portugueses, os maracajás voltariam ao Rio, expulsariam os franceses e Arariboia, agora herói, ganharia dos portugueses as terras da atual cidade de Niterói, para não voltar ao Espírito Santo.

Se no Rio de Janeiro Arariboia seria reconhecido como herói, o que dizer de seu tempo no Espírito Santo? Lá sua tribo lutou pela sobrevivência e ajudou os portugueses porque com eles tinha nos tupinambás/tamoios um inimigo comum. Aqui, onde Arariboia havia se firmado como liderança indígena e principal de sua tribo, os maracajás/temiminós não tinham tribos inimigas. E foram usados pelos portugueses para subjugar os indígenas locais, "propiciaram grande proteção à tão atacada vila de colonos portugueses... e com isso o principal arraial português da capitania teria garantia de paz, com centenas de indígenas amigos protegendo-os de ataques de outras tribos..."

Arariboia, defensor do Rio, fundador de Niterói e por muitos considerado cofundador de Serra, é para nós herói ou traidor dos povos originários do Espírito Santo? Aqui, há anos sua estátua vaga de um lugar a outro, e não tem o prestígio de que desfruta aquela orgulhosamente erguida à entrada de Niterói.

Livro de Rafael Freitas da Silva

Imortalidade ACADÊMICA

Trata-se do preito aos acadêmicos falecidos, prestado em permanentes lembranças, referências, estudos críticos e divulgação das obras que deixaram

Matusalém Dias de Moura
(Cadeira 34)

O acadêmico Matusalém Dias de Moura.

Por tradição e dever estatutários, a primeira missão – e mais alta obrigação – de uma Academia de Letras é tornar imortais os seus membros. E o que é – e como se dá – essa imortalidade?, alguém há de perguntar. Eis a resposta de maneira simples, objetiva e direta: é o preito aos acadêmicos falecidos, prestado em permanentes lembranças, referências, estudos críticos e divulgação das obras que deixaram. E dá-se em três momentos da vida acadêmica, obrigatoriamente, de modo a não romper a tradição, nem descumprir os estatutos da Academia: começa com a sessão em que é comunicado o óbito do acadêmico, declarada vaga a cadeira a que ele pertencia e publicado o edital para a inscrição dos candidatos que pretendem concorrer a eleição daquele irá sucedê-lo.

Outro instante importantíssimo para a celebração da imortalidade acadêmica é a "Sessão da Saudade", ocasião em que, reunida a Academia em homenagens ao acadêmico desaparecido, vários – ou todos – os seus confrades discorrem sobre a obra e a pessoa dele. Esta é, quase sempre, uma sessão ornada pela beleza dos discursos e pela emotividade estampada nos semblantes dos presentes, na qual não faltam as lembranças mais queridas e ternas, os elogios mais elevados e sinceros, as emoções mais profundas, sentidas e verdadeiras. É esta uma solenidade de vozes embargadas e, algumas vezes, de sentidas lágrimas, encerrada com palmas à memória do colega extinto e abraços comovidos entre os presentes. É bonita de ser assistida, quando bem planejada, organizada e executada, o que nem sempre acontece. Já presenciei algumas que muito me sensibilizaram e se tornaram inesquecíveis em minha memória, e outras que de tão medíocres esqueci-as para sempre.

Finalmente, há a eleição e posterior posse do escritor eleito para suceder o acadêmico desaparecido. E a sua posse é outro momento altíssimo da imortalidade: dá-se numa sessão diferente da "Sessão da Saudade", na qual somente o novo acadêmico fala sobre a obra e a vida – agora, não mais só do confrade recém-falecido, mas sobre todos os outros que o antecederam, inclusive sobre a obra e a vida do patrono da cadeira ora preenchida. O discurso do empossando há de ser uma bem urdida e refinada peça literária, em forma de estudo crítico sobre a obra de todos os que já ocuparam a cadeira que passa a ocupar, detendo-me mais profundamente na obra do último ocupante. Discurso esse elaborado com esmero técnico e rigorosamente dentro do ritual, dos cânones e preceitos acadêmicos.

A ascensão de um escritor à Academia é, indubitavelmente, um momento alto, sublime, talvez, o maior na vida da instituição, o que, infelizmente, nem sempre acontece por falta de despreparo de alguns que transpõem os pórticos da imortalidade. Tenho presenciado alguns desses instantes menores de nossas letras, lamentavelmente, lamentavelmente!… Até mesmo discursos de improvisos já assisti, que me pareceram mais a fala do mais inculto candidato a vereador no mais inculto cafundó de nosso Brasil roceiro. Difícil de ser ouvido, não merecedor de palmas e, sim, de vaias. Certa vez ouvi um em que o orador sequer citou os primeiros antecessores seu na cadeira. E a culpa dessas pequenezas, penso, talvez não seja do orador, mas daqueles que o incentivaram a entrar para tão augusto tempo das letras, sem, no entanto, lhes dizer o que é uma Academia de Letras, e lhe instruir sobre os cânones e a ritualística a que deveria – e deve – obedecer.

Mas, ao contrário, graças a Deus, em nossa veneranda Academia Espírito-Santense de Letras, também já tive a alegria, o prazer e a honra de assistir memoráveis e inesquecíveis discursos pronunciados por gigantes à altura de Judith Leão Castello Ribeiro, Aylton Rocha Bermudes, Waldemar Mendes de Andrade, Samuel Duarte, entre outros. Ainda recentemente, ouvi uma extraordinariamente bela peça literária, em forma de discurso, pronunciada por Bernadette Lyra, recebendo um novo confrade.

Estas são etapas que se repetem toda vez que morre um acadêmico e que caracterizam a imortalidade. E aqui cabe – é bom que se diga – concluir que, por mais estranho, contraditório e paradoxal que possa ser, a imortalidade acadêmica prescinde da morte para ter vida, ou seja: alguém precisa de morrer para outro se tornar imortal. A propósito, há até quem afirma que a imortalidade acadêmica resume-se em apenas dois discursos sobre a vida e a obra do acadêmico: um que ele ouve no dia em que toma posse, pronunciado por quem o recebe, e outro que já não pode mais ouvir, porque está morto, pronunciado por seu sucessor.

Concluo eu: sem a morte não há imortalidade.

Moulin, o DISRUPTIVO

Perdemos em 2023, com a simplicidade com que sempre viveu, um dos homens mais cultos e exuberantes que já conheci, Luiz Ferraz Moulin

João Gualberto
(Cadeira 29)

Moulin e a esposa Márcia Sardemberg em Paris.

No dia 2 de março, um dos grandes personagens da vida política capixaba dos últimos 40 anos nos deixou para sempre. Morreu com a simplicidade com que sempre viveu um dos homens mais cultos e exuberantes que já conheci, Luiz Ferraz Moulin. Duas vezes prefeito da sua querida Guaçuí, o primeiro secretário de meio ambiente de nosso estado, secretário de justiça do primeiro governo Paulo Hartung, com grandes tarefas para aquela época.

Luiz sempre foi um disruptivo. Minha família passava férias em Nova Almeida no já distante verão de 1969. Eu era amigo de primos dele. Foi quando o conheci. O ano de 1968 havia terminado com o terrível AI5. Ele era liderança estudantil de esquerda em Vitória, onde cursava o direito da Ufes. Naquele verão ele resolveu sumir de lugares óbvios, temeroso da polícia política do regime.

Foi um grande encontro na minha vida. Meu pai era juiz de direito em Colatina, onde vivíamos. Foi transferido da comarca de Guaçuí anos antes. Foi um grande encontro. Ele conhecia os personagens que só habitam os jornais do Rio e de Vitória que meu pai assinava. Passávamos horas na praia, onde ele só ia mesmo para conversar. Jamais aprendeu a nadar, andar de bicicleta ou dirigir. Era um habitante do estranho universo das ideias, da cultura e dos ideais de progresso e transformação social. Muito aprendi com ele nesse verão de Nova Almeida.

Na sequência mudamos para Vitória, onde também fui estudar na Ufes. Nossos cursos eram noturnos. Costumávamos ir e voltar juntos. Mais conversas de política. Mais aprendizado, até que ele foi cursar sociologia como mestrado em Paris, nos anos 1970. O reencontrei candidato a deputado estadual pelo PMDB em 1978. Era o nosso candidato, o candidato da centro esquerda intelectualizada. Seus discursos potentes não foram suficientes para elegê-lo, mas o prepararam para outra missão. Na onda da redemocratização e da eleição de Gerson Camata, foi eleito prefeito de Guaçuí.

Fez o governo municipal mais moderno e democrático de sua geração, seja em termos regionais, seja em termos nacionais. O orçamento participativo mudou a lógica de distribuição de recursos municipais. A polícia interativa foi modelo importante para a geração de uma elite militar mais comprometida com os ideais da Nova República. Foi um governo disruptivo em todos os sentidos. Desalojou velhos interesses do poder para dar passagem para o novo. Representantes de camadas até então silenciadas tiveram voz. Se nada mais tivesse feito nesse mundo, somente essa sua gestão seria o bastante para colocá-lo do panteão dos grandes políticos de sua geração.

Foi depois nosso primeiro secretário de meio ambiente e mais tarde, no primeiro governo de Paulo Hartung, secretário de justiça. Missões que cumpriu muito bem. Fora da política nos últimos anos, adquiriu um caráter mais conservador, mais tradicional.

Como nunca admitiu corrupção, ingressou no discurso mais forte do lava-jatismo. Sempre foi monarquista, tanto que foi o coordenador estadual da campanha monarquista de 1993. Esse seu lado mais tradicional monarquista, seu profundo catolicismo tradicional – devoto de São Miguel Arcanjo – o conduziram a uma simpatia grande com as Novas Direitas. Estava sempre antenado com as novidades nesse campo.

Esse foi o meu grande amigo Luiz Moulin. Disruptivo, exuberante, em muitos momentos exagerado, mas um personagem vital nas conquistas recentes da política capixaba. Uma enciclopédia.

UM MESTRE NA MINHA FORMAÇÃO INTELECTUAL

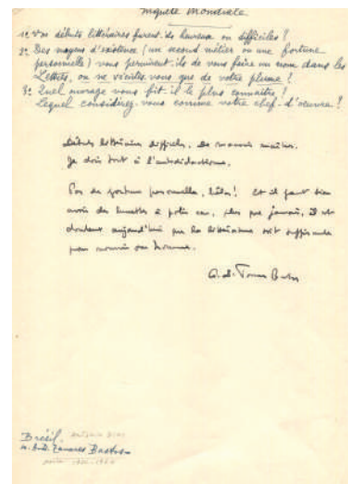
Romulo Felippe
(cadeira 09)

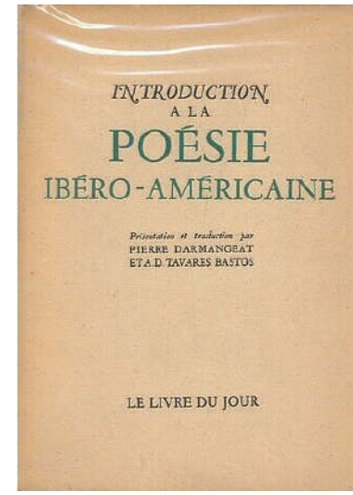
Poderia resumir todos os predicados intelectuais desse incrível ser humano com uma frase simples: partiu deste mundo terreno "o homem mais sábio que conheci em vida". Mas, muito além de sua inteligência, pulsava um ser que fez a sua parte para transformar o mundo em um lugar melhor. Eu tinha 20 anos quando recebi de Luiz Ferraz Moulin o convite para tornar-me chefe do Departamento de Comunicação da Prefeitura de Guaçuí (ES). A partir dali passei a registrar, em detalhes, sua gestão revolucionária: habitação popular, apoio à cultura e, entre outros, a criação da famosa Polícia Interativa. Foi através dele, como gigantesco historiador que era, que fui fisgado pela História. Dom Moulin me apresentou à Monarquia brasileira, com visitas aos descentes da Família Imperial. Inspirou-me a escrever meu primeiro livro, "Monge Guerreiro". Foi um forte colaborador na minha formação intelectual. Em suas gestões como prefeito pôs seu nome nos pilares históricos do Espírito Santo. Professor, historiador, pesquisador, membro do centenário Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo e perto de lançar o grande livro de sua ancestralidade. Mesmo com a saúde debilitada, lembro que Moulin saiu das montanhas de Guaçuí para prestigiar a minha posse na Academia Espírito-santense de Letras, realizado no Palácio Anchieta. Perdi um irmão e mestre. Perdemos todos.

O mais francês dos poetas CAPIXABAS

Foi em terras capixabas que Antonio Dias Tavares Bastos concluiu os manuscritos do que viria a ser seu primeiro livro, *Ballades brésiliennes*

Anaximandro Amorin
(Cadeira 40)





TAVARES BASTOS

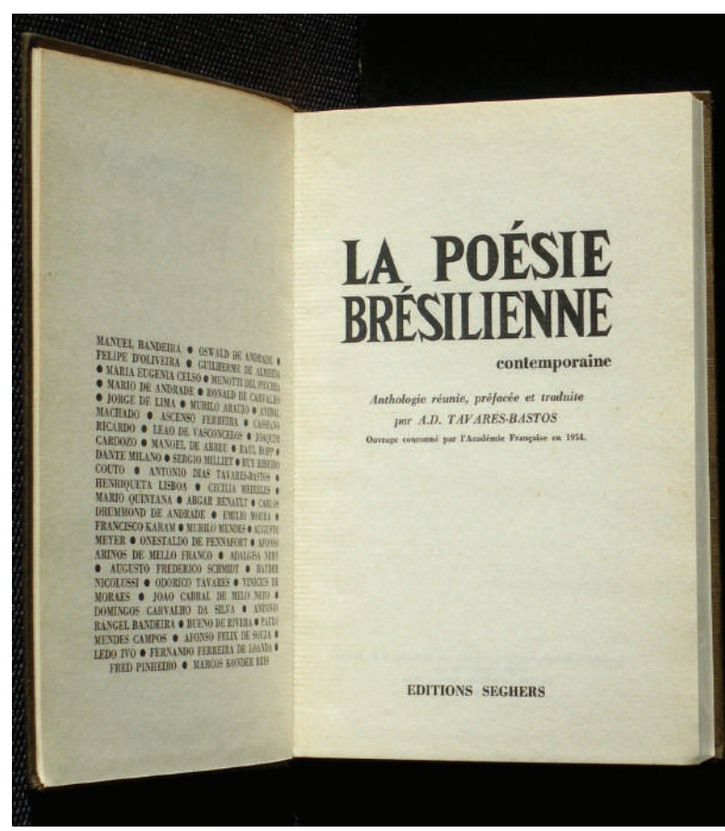
Antonio Dias Tavares Bastos nasceu em Campos dos Goytacazes/RJ, em 7 de julho de 1900. Com a vinda dos Bastos para Vitória, em 18 de julho de 1910, uma relevante parte de sua vida e obra se deu em solo espírito-santense, o que pode nos dar ensejo em chama-lo, também, de autor espírito-santense.

Egresso de uma família elitizada, Antonio Dias foi filho de José Tavares Bastos, juiz federal, autor de obras jurídicas. A família, aliás, contava com um ascendente ilustre, Aureliano Cândido Tavares Bastos, bisavô de Antonio, jurista, senador e escritor. A despeito de uma sólida formação jurídica, herança familiar, a grande paixão do autor foi, indubitavelmente, o francês, que, além da escola, ele estudou em casa, com algum tutor.

Tavares Bastos estudou Direito no Rio de Janeiro, dentre 1918 a 1922. Consta em vários jornais da época, como o "Diário da Manhã", que ele começava a se fazer conhecido, no circuito RJ/ES, publicando artigos e crônicas. Chegou, também, a contribuir para a revista Verde, dos modernos de Cataguases/MG. Mas foi em terras capixabas que ele concluiu os manuscritos do que viria a ser seu primeiro livro, *Ballades brésiliennes*, sob um pseudônimo curioso: Charles Lucifer.

Ballades brésiliennes foi lançado em 1924, em Paris, pela Éditions de la pensée latine, por um brasileiro, capixaba (de coração), escrevendo em língua francesa em Vitória, mas, lançando uma obra poética na Cidade-Luz, fato incrível até os dias de hoje! *Ballades*, aliás, causou impacto, sendo citado no jornal Le Figaro de 1924 e tendo duas resenhas, uma na *Revue mensuelle illustrée*, do mesmo ano, e outra, no ano seguinte, na *Les nouvelles littéraires*. Aqui, o autor também foi resenhado no jornal "O Diário da Manhã", de agosto de 1924.

A vida do autor, aliás, pode ser dividia em duas fases: uma, brasileira, ainda enquanto "Charles Lucifer", com muitos trabalhos em solo capixaba. Esse período vai até 1937, quando o autor, já residindo no Rio, abandona de vez a carreira jurídica e vai se fixar em solo francês, na cidade de Paris. Ali, começa a fase francesa de sua vida, quando ele abandona o pseudônimo e usa seu próprio nome, fixando-se no país até sua morte, em 1960. Mas isso é um assunto para outro artigo...



O pescador DE SONS

Maurício de Oliveira, aquele que é considerado o maior músico do Espírito Santo

José Roberto Santos Neves
(Cadeira 26)

Uma cena imaginada pelo jornalista Marien Calixte, e descrita na biografia de Maurício de Oliveira, ilustra bem como se traçou o destino daquele que é considerado o maior músico do Espírito Santo. Conta Marien que o então menino Maurício, oitavo filho do pescador Sebastião e da lavadeira Maria, navegava com o pai na baleeira de onde seu Sebastião trazia os peixes que sustentavam a família. Sebastião sonhava ver o filho seguindo a tradição familiar da pesca, mas àquela altura Maurício tinha sido fisgado pela música, em especial o violão e o cavaquinho, que aprendera a tocar desde os seis anos de idade por meio do primo Alfredo e do irmão José.

Em dado momento, o pai teria lhe perguntado:

- O que você quer ser na vida?

- Pescador de sons – respondeu Maurício.

O olhar criterioso do biógrafo capturou a essência da alma do músico, cuja relação com o violão era tão intensa - e até certo ponto devocional - que ele gostava de afirmar: "O violão é a minha alma, a minha alma é o violão".

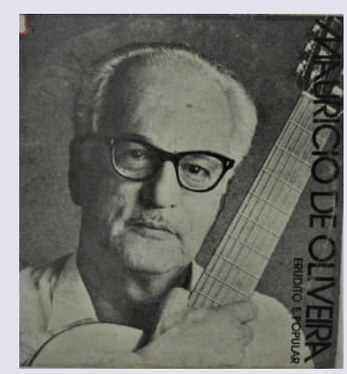
A história de Maurício de Oliveira se relaciona com a evolução da música do Espírito Santo no século XX e ficará marcada para a posteridade como uma das obras mais relevantes para violão produzidas no país. Talento precoce, Maurício não demorou a convencer o pai de que faria da música profissão. Com dez anos, começou a participar do Regional da futura Rádio Clube do Espírito Santo.

Entre 1940 e 1955, dividia seu tempo como músico contratado da PRI-9, a Voz do Canaã, e a atuação intensa nas orquestras dos clubes de Vitória. Até que, em 1955, surgiu a oportunidade que marcaria sua vida: representar o Espírito Santo no V Festival Internacional da Juventude para a Paz e Amizade, em Varsóvia, na Polônia.

No palco do Palácio da Cultura e da Ciência, diante de um público de cerca de três mil pessoas, Maurício superou a barreira do idioma, seguiu o conselho do irmão José – "ponha o coração nos dedos" - e apresentou lindamente três números ao violão, incluindo a fantasia de sua autoria "Canção da Paz", que se tornaria a sua composição mais conhecida.

Aclamado pelo júri e pelo público do distante país do leste europeu, ele obteve o segundo lugar no Festival, abrindo a possibilidade real de construir uma carreira internacional, ou de trabalhar no eixo Rio-São Paulo, onde a oferta de oportunidades era bem maior. No entanto, Maurício amava o Espírito Santo e o povo capixaba a tal ponto que não conseguiria viver longe da terra natal. De volta ao Espírito Santo, ele fez parte do Conjunto de Hélio Mendes, comandou orquestras nos clubes da Grande Vitória e dedicou-se à carreira fonográfica, iniciada em 1952 com o compacto simples contendo as músicas "Ardiloso" e "Esplanada"; para muitos, este é o primeiro registro em disco de um músico capixaba.

DISCOGRAFIA



Sempre pioneiro, gravou mais de 20 discos, entre LPs e CDs, a maioria solo e uma parte como integrante do Conjunto de Hélio Mendes. Destacou-se ainda como o primeiro violonista a gravar a obra completa de Heitor Villa-Lobos para violão, em 1967. Mais à frente, acrescentaria à sua discografia títulos dedicados às obras dos baluartes do choro Dilermando Reis e Ernesto Nazareth.

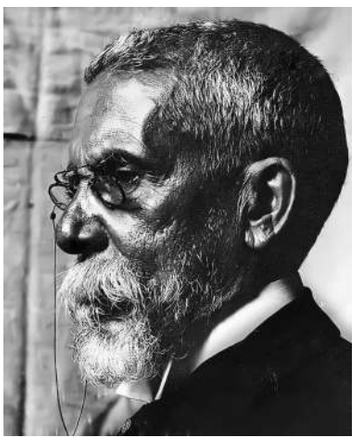
Em 1985, por ocasião da comemoração dos 30 anos da Condecoração Cidade de Varsóvia, a Companhia Docas do Espírito Santo (Codesa) reuniu as duas vertentes do violonista no long-playing "Erudito e Popular", que também ganhou edição da Universidade Federal do Espírito Santo, por meio da Fundação Ceciliano Abel de Almeida.

Maurício de Oliveira nos deixou em 01 de setembro de 2009, aos 84 anos, mas sua obra indelével permanece viva para todos os que amam as terras capixabas e a música em seu estágio mais elevado. Uma estátua em sua homenagem, inaugurada pela Prefeitura de Vitória em 2016, na Praia de Camburi, lembra a moradores e visitantes que Maurício de Oliveira representa a mais perfeita tradução musical do Estado que ele tanto exaltou em seu violão, graças ao aspecto descritivo e a paz de espírito que suas gravações proporcionam àqueles que são tocados por suas melodias. Por entre as cordas de seu violão, desfilam imagens das belezas naturais dessa terra abençoada que é o Espírito Santo – a terra de Maurício de Oliveira.

Encontro DE ALMAS

Três séculos foram insuficientes para separar os dois maiores gênios da nossa Literatura: Machado de Assis e José de Anchieta

Romulo Felippe
(Cadeira 09)



"Que em páginas de areia vasta e rude / Os versos escrevia e encomendava / A mente, como esforço de virtude...". Foi assim que Machado de Assis, considerado o maior nome da literatura brasileira, homenageou em versos aquele que fecundara as primeiras sementes do campo de centeio da alma literária nacional – o padre e santo José de Anchieta.

Um, veio ao mundo em 1839 e deixou esta terra fria em setembro de 1908, aos 69 anos; o outro nasceu em março de 1534 e partiu desta vida em junho de 1597, aos 63 anos. Os mais de três séculos que perpassam o "coração" do Movimento Quinhentista por estas terras, de áurea anchietana, do principal nome do Realismo brasileiro, de alma machadiana, não foram suficientes para distanciar dois gênios que por rincões tupiniquins andarilharam.

E Machado de Assis, que dá nome à sede da maior arcádia do país – a Academia Brasileira de Letras – o fez em momento no qual mentes dissonantes alvejavam o jesuíta com as pedras da maledicência, pouco depois de o Império tornar-se República. Fê-lo de punho em 1897, homenageando o 'Apóstolo do Brasil', o 'Poeta da Virgem' e um dos fundadores da cidade de São Paulo. *"Esse que as vestes ásperas cingia, / E a viva flor da ardente juventude / Dentro do peito a todos escondia..."*.

Em 9 de junho daquele 1897 intelectuais e religiosos uniram-se para uma série de conferências na Faculdade de Direito de São Paulo em torno das celebrações do "III Centenário do Venerável Joseph de Anchieta" (que tornou-se livro, publicado em 1900 pela Aillaud&Cia, edição que nutro enorme paixão na minha estante). O poema "Padre Anchieta", da pena machadiana, fora o coração da palestra brilhantemente ministrada por João Monteiro, um intelectual conhecido pelo "poder estridente de oratória".

"E se a minha conferência se pudesse enquadrar em poucos versos, eu o haveria feito com os seguintes *esculpturaes tercetos*, que um dos mais peritos dos contemporâneos lapidários da língua portuguesa teve a creseana generosidade de enviar-me, para honra minha e brilho do meu discurso. Eis aqui como Machado de Assis esculpiu, em majestosa síntese, a obra genial do padre Anchieta", evocou com seu vozeirão eloquente na biblioteca da Faculdade de Direito, da qual por breve tempo tornar-se-ia diretor.

Desta forma celebrou Machado, apelidado pelos vizinhos de 'Bruxo do Cosme Velho': *"Anchieta, soltando as vozes puras, / Achas outra Sião neste hemisfério, / E a mesma fé e igual amor apuras..."*. E assim provavelmente responderia o 'Canário' Anchieta, no vasto hiato entre séculos de duas mentes brilhantes: *"Este será meu repouso, a minha casa preferida / No sangue jorrado redimi meus delitos, / E purifique com água a sujeira espiritual! / Embaixo deste teto (Céu) que é morada de todos,/ Viver e morrer com prazer, este é o meu grande desejo..."* – como escrevera em seu "Poema à Virgem Maria".

Conclui-se que, embora tempo e espaço engendraram um vácuo irreparável entre ambos, a inexorável verdade é que a Literatura corrigira tal falha temporal. E eternamente os uniu.

José de Anchieta
Machado de Assis

Esse que as vestes ásperas cingia,
E a viva flor da ardente juventude
Dentro do peito a todos escondia;

Que em páginas de areia vasta e rude
Os versos escrevia e encomendava
À mente, como esforço de virtude;

Esse nos rios de Babel achava,
Jerusalém, os cantos primitivos,
E novamente aos ares os cantava.

Não procedia então como os cativos
De Sião, consumidos de saudade,
Velados de tristeza, e pensativos.

Os cantos de outro clima e de outra idade
Ensinava sorrindo às novas gentes
Pela língua do amor e da piedade.

E iam caindo os versos excelentes
No abençoado chão, e iam caindo
Do mesmo modo as místicas sementes.

Nas florestas os pássaros, ouvindo
O nome de Jesus e os seus louvores,
Iam cantando o mesmo canto lindo.

Eram as notas como alheias flores
Que verdejam no meio de verduras
De diversas origens e primores.

Anchieta, soltando as vozes puras,
Achas outra Sião neste hemisfério,
E a mesma fé e igual amor apuras.

Certo, ferindo as cordas do saltério,
Unicamente contas divulgá-la
A palavra cristã e o seu mistério.

Trepar não cuidas a luzente escala
Que aos heróis cabe e leva à clara esfera
Onde eterna se faz a humana fala.

Onde os tempos não são esta quimera
Que apenas brilha e logo se esvaece,
Como folhas de escassa primavera.

Onde nada se perde nem se esquece,
E no dorso dos séculos trazido
O nome de Anchieta resplandece
Ao vivo nome do Brasil unido.

'Padre Anchieta', de Candido Portinari (1954)

Vinte anos sem RENATO PACHECO

Em 2024 lembraremos as duas décadas da partida de um dos maiores intelectuais capixabas da segunda metade do século XX

Getúlio Neves (Cadeira 33)

Independentemente dos tempos, não é todo dia que se vê um estudante ser convocado aos 17 anos de idade para substituir o professor na regência de uma cadeira. Não é sempre que um estudante, aprovado em concurso público aos 19 anos, logo no ano seguinte se veja comissionado no cargo de Diretor da Divisão de Pessoal do Departamento do Serviço Público estadual.

Muito menos que deixe esse alto posto um ano depois, ao obter por concurso a cadeira de História Geral do Colégio Estadual. Leciona então por sete anos, até que novo concurso público o leva à magistratura de carreira do Espírito Santo. Aí atuará por quase dezessete anos, em todos os quadrantes do estado.

Em 2024 a cultura do Espírito Santo contará 20 anos sem a presença física de Renato José Costa Pacheco, o personagem a que me refiro. Dos maiores intelectuais capixabas da segunda metade do século XX, o acadêmico Renato Pacheco, meu antecessor na cadeira 33, foi ao longo de sua produtiva existência essencialmente um educador. E no palco da cultura local um grande ator e um não menos formidável entusiasta e incentivador.

Atuando no segmento acadêmico (na Universidade Federal e na Faculdade de Direito de Vitória), no governamental (no antigo Departamento Estadual de Cultura) e no cultural (no Instituto Histórico e Geográfico e na Academia Espírito-santense de Letras), fez principalmente Literatura, História e Direito.

102 ANOS

ACADEMIA ESPÍRITO-SANTENSE DE LETRAS

Foto da criação da Academia Espírito-santense de Letras, Clube Boêmios, 1921

1921 - 2023

ACADEMIA ESPÍRITO SANTENSE DE LETRAS

SEMPER ASCENDERE